

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Tereza Meirelles Albuquerque

Cadê o lobo?
Sombra na Literatura Infantil,
análise das ilustrações do livro Chapeuzinho Amarelo

São Paulo · 2014

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Tereza Meirelles Albuquerque

Cadê o lobo?
Sombra na Literatura Infantil,
análise das ilustrações do livro Chapeuzinho Amarelo

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profª Dra. Ivelise Fortim.

São Paulo - 2014

Aqui, o lobo revela o aspecto cru e destrutivo da morte. O corpo em decomposição é devorado por ele, o que representa a finitude da matéria como etapa necessária para o desenvolvimento. Desse modo, os rituais de iniciação e o lobo como símbolo de morte e renascimento significam a passagem da infância, da inocência, para uma etapa mais adulta e diferenciada. Entrar em contato com o lobo pode significar a entrada no inconsciente, o contato com a sombra, para depois "renascer" com os aspectos "lupinos" assimilados pelo ego (RAMOS et al, 2005, p. 161).

Agradecimentos

Agradeço a todas e a todos que me acompanharam, me dando e emprestando força.

Albuquerque, Tereza Meirelles; Cadê o lobo? Sombra na Literatura Infantil, análise das ilustrações do livro *Chapeuzinho Amarelo*; 2014; Prof^a Dra. Ivelise Fortim.

RESUMO

Objetivos da pesquisa: ampliar a compreensão sobre a sombra na atualidade, analisando imagens de aspectos sombrios na literatura infantil para investigar quais são os aspectos indesejados hoje em dia e como são passados as crianças. Método: foi selecionado o livro *Chapeuzinho Amarelo* (BUARQUE e ZIRALDO, 1997), em seguida analisou-se as imagens relacionando-as com o texto e com a psicologia analítica; debruçou-se especialmente sobre os simbolismos do lobo, sendo essa a figura que representa o aspecto sombrio no livro selecionado. Resultados e discussão: o livro conta a história de uma menina, a Chapeuzinho Amarelo, que vivia paralisada de tanto medo, sendo seu maior medo o medo do lobo. Um dia, ela e o lobo se encontram frente a frente e nesse contato Chapeuzinho perde o medo do animal. Esse, por sua vez, tenta de todas as maneiras voltar a causar medo na menina, entre suas tentativas ele repete lo-bo-lo-bo 25 vezes e acaba se transformando em um inofensivo bo-lo. Percebe-se que as consequências do contato da menina com esse aspecto sombrio foram benéficas, ela elaborou uma técnica própria para lidar com seus medos e passou a interagir com o mundo, criando e brincando sem se paralisar pelos medos. Dessa maneira, o livro se mostrou muito rico para as crianças no sentido de ajudá-las no processo de integração de aspectos de sua sombra, uma vez que o livro representa de maneira sensível e acessível esse processo necessário ao desenvolvimento humano rumo à individuação.

Palavras - chave

Sombra; ilustração; literatura infantil; vilão; Psicologia Analítica; Chico Buarque; Ziraldo; Chapeuzinho Amarelo; lobo.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
OBJETIVO E JUSTIFICATIVA	9
2. LITERATURA INFANTIL, RETROSPECTIVA DO LIVRO ILUSTRADO	10
OS ANTAGONISTAS: A FIGURA DO MAL NO IMAGINÁRIO INFANTIL	12
SOBRE O MAL	16
3. ARQUÉTIPOS, SÍMBOLOS E FORMAÇÃO DA SOMBRA	20
A SOMBRA DENTRO DO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	26
4. LOBO	28
O LOBO E O FEMININO	31
5. MÉTODO	35
6. ANÁLISE DO LIVRO CHAPEUZINHO AMARELO	36
CHAPEUZINHO DOMINADA PELO MEDO	37
RECONHECIMENTO DA SOMBRA	41
CHAPEUZINHO ENTRA EM CONTATO COM A SOMBRA	42
O CONFRONTO	43
ASSIMILAÇÃO	46
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
ANEXO I	56
ANEXO II	57
REFERÊNCIAS	59

Índice de Ilustrações

IMAGEM 1	37
IMAGEM 2	37
IMAGEM 3	39
IMAGEM 4	40
IMAGEM 5	41
IMAGEM 6	42
IMAGEM 7	43
IMAGEM 8	44
IMAGEM 9	45
IMAGEM 10	45
IMAGEM 11	46
IMAGEM 12	47
IMAGEM 13	48
IMAGEM 14	49
IMAGEM 15	50

1. Introdução

Imagens são uma das mais antigas formas de expressão da cultura humana. Em oposição aos artefatos, que servem para fins práticos, elas se manifestam com função puramente sgnica (ARANTES, 2009, p.37).

A minha ligação pessoal com esse tema  inegável. Sempre gostei de desenhar em 2011 comecei a atuar profissionalmente nessa área, me deparando com questões de como representar em imagem um sentimento específico ou quais seriam os elementos gráficos que hoje têm claro um determinado significado. Quanto representar de tal maneira alguma coisa não pode estar colaborando na manutenção dos padrões e preconceitos sociais? A partir da reflexão sobre a relevância do uso das imagens como ferramenta de transformação, comecei a me perguntar sobre quais imagens do aspecto sombrio de uma história são mais encontradas hoje em dia: quais já foram estereótipos um dia; se haveria algum estereótipo que se mantm há anos; e o que, a partir disso, eu poderia refletir sobre a nossa sociedade. Ou seja, meu projeto de pesquisa partiu de uma ligação pessoal com o tema e de questionamentos que me habitam já há algum tempo.

Iniciei meu caminho de pesquisa interessada no *mal* e as suas diversas representações gráficas, porém, logo tive a necessidade de fazer um recorte dessas expressões visuais. Ocorreu-me então, buscar ilustrações de livros infantis e nelas a representação gráfica dos vilões; entretanto, por conta de dificuldades na pesquisa, decidi ampliar o tema e buscar representações gráficas dos aspectos sombrios das histórias. O meu interesse de trabalhar com a imagem e não somente com a descrição dos personagens é por acreditar que a imagem tem um imenso valor simbólico.

Para analisar essas imagens recorrerei a Psicologia Analítica, pois essa teoria fornece enorme subsídio tanto sobre as imagens quanto sobre os aspectos sombrios. Ir auxiliar o objetivo de pesquisar a imagem da sombra nas histórias infantis hoje em dia. A pergunta que balizava minha busca pelos livros era: caso exista, onde está o aspecto sombrio das histórias?

Pesquisando literatura infantil, busquei livros que tivessem imagens dos

aspectos sombrios e, através da lista dos mais vendidos da *Livraria Cultura*, selecionei o livro *Chapeuzinho Amarelo* (BUARQUE e ZIRALDO, 1997). A escolha foi feita buscando encontrar um livro que tivesse representações explícitas da *sombra* e que tivesse uma relevância nos dias atuais, por estar entre os mais vendidos.

Vale ressaltar que nas histórias infantis está aquilo que é feito intencionalmente para ser passado às novas gerações, encontramos nelas uma síntese do que se pretende passar adiante como figura representante da sombra. Ou seja, em uma história infantil, mesmo que com representações mais complexas sobre a sombra, há uma simplificação e até uma condensação - por que não? - do que aquela sociedade entende por indesejado. E pelo fato das histórias infantis serem em sua grande maioria ilustradas e das crianças estarem em processo de alfabetização, pode-se dizer que a ilustração toma grande importância.

Analisando as representações gráficas do livro selecionado espero chegar a uma compreensão mais ampla sobre como esta imagem é divulgada para as crianças. Com a finalidade de analisar e compreender simbolicamente as imagens foi utilizada a Psicologia Analítica, A escolha por esta teoria dentre as outras, é porque vejo nela uma maior possibilidade de compreensão dos símbolos - dado que Jung dá relevante ênfase a esse modo de expressão. Jung (1988) diz que a dinâmica do inconsciente expressa-se por suas imagens, através, por exemplo, de desenhos, sonhos e fantasias; que seriam modos de autorrepresentações de desenvolvimentos inconscientes, permitindo a expansão gradual da psique - ou seja, o processo de individuação.

Nise da Silveira (1981) também resalta o valor das imagens. A autora diz que as técnicas expressivas têm um enorme poder de intensificar a elaboração simbólica porque elas ativam a raiz arquetípica dos símbolos através da mobilização de dimensões pouco acessíveis à palavra. Ou seja, ampliam o contexto da elaboração simbólica além do contexto verbal. E considerando a história profissional da autora, é indiscutível que ao valorizar o uso das técnicas expressivas, Nise da Silveira deixa evidente como as imagens são reveladoras.

Objetivo e Justificativa

Esta pesquisa tem como objetivo geral propiciar uma discussão mais profunda acerca da sombra, conceito da Psicologia Analítica. Para tanto, analisou-se as imagens dos aspectos sombrios do livro infantil *Chapeuzinho Amarelo* (1997).

Essa discussão é relevante para compreender os modelos de sombra que são perpetuados a infância pela literatura. Dessa maneira nos aproximamos ao tema da sombra, e quanto mais tomamos consciência da nossa sombra - tanto coletivas quanto pessoais - mais avançamos no caminho de uma existência mais plena e autêntica.

2. Literatura Infantil, retrospectiva do livro ilustrado

A obra literária deixa vazios por onde podemos ingressar com nossa imaginação, nossa experiência, nossa capacidade para completar e refazer o narrado (CADEMARTORI, 2009, p. 50).

Arantes (2009) realiza um breve histórico da ilustração de livros, revistas e de obras destinadas a infância brasileira. Segundo Noronha apud Arantes (2009), os clássicos livros infantis que chegavam ao país eram impressos em Portugal e foi apenas no final do século XIX, de acordo com Lajolo e Zilberman apud Arantes (2009), que o Brasil passou por transformações de urbanização social que tornaram possível a produção de um novo público leitor e começou-se a publicar livros em território nacional.

Arantes destaca o aparecimento da técnica ilustrativa nos livros de Felisberto de Carvalho, Arnaldo Barreto e Romão Puiggari. E menciona o primeiro livro em formato de História em Quadrinho, *O tico-tico* de 1905, criado pelo jornalista Luis Bartolomeu de Souza e Silva, que serviu como modelo para outras publicações. Segundo a autora, as histórias em quadrinhos geraram um novo público leitor e consumidor de livro infantil. Ela revela a importância dessas histórias para a criação de personagens relacionados a realidade brasileira, que contribuíram para construção de um imaginário infantil.

Segundo Arroyo (1988), um marco histórico notável no cenário brasileiro foi a preocupação do editor Monteiro Lobato em ilustrar seus livros infantis e para isso, convidou chargistas como Voltolino e Belmonte.

Em 1915 foi inaugurada a famosa série de livros *Biblioteca Infantil* com a publicação de *O patinho feio* (ed. Melhoramentos), adaptada por Arnaldo de Oliveira Barreto - do texto tradicional de Hans Christian Andersen, ilustrado por Franz Richter. Tratava-se de uma série audaciosa, segundo Arantes (2009), por terem sido os primeiros livros brasileiros a quatro cores.

Segundo Mokarzel (2003), na década de 30, um curso de textos e ilustrações infantis foi promovido pelo Ministério da Educação e Saúde. Participaram do

concurso artistas como Portinari, Luís Jardim e Augusto Rodrigues. Segundo Camargo apud Arantes (2009), o escritor Aníbal Machado apresentou um importante avanço no posicionamento sobre a ilustração, na década de 40, escreveu que a ilustração era um convite para a leitura do texto, infalível tanto para a criança quanto para o adulto.

De acordo com Arantes (2009), a década de 50 foi marcada por polêmicas em relação a relevância da ilustração e da propagação do *cartoon* americano. Vale citar que a autora traz como exemplo a discussão bastante extensa feita pela poeta Cecília Meireles sobre o papel das imagens nos livros.

Nos anos 60, com a ditadura, as edições mais inovadoras, como o quadrinho brasileiro *Pererê* do Ziraldo, eram censuradas e até os originais eram destruídos no interior das redações.

Conforme Mokarzel (2003), nos anos 70, houve um crescente interesse do mercado editorial pelos livros infantis nacionais que aconteceu graças à reforma do ensino que os tornou obrigatórios nas escolas. Isso estimulou uma maior concorrência entre as editoras, que começaram a investir na apresentação gráfica de seus livros.

As ilustrações foram difundidas no país, principalmente, nos anos 80. Segundo a autora, por conta do reconhecimento e valorização do trabalho do *texto ilustrador*, os livros recebiam um tratamento gráfico mais cuidadoso. Mokarzel (2003) salienta o estímulo que representou aos ilustradores a entrega do prêmio Jabuti, oferecido pela Câmara Brasileira do Livro, criado pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Saindo da retrospectiva histórica e voltando a pensar nas ilustrações de um modo geral: toda narrativa mostra que a imagem pode dizer algo, sem precisar acompanhar um texto. Ou seja, toda imagem diz alguma coisa, por si mesma. Nesse contexto, a autora ressalta a importância de não reduzir o sentido da ilustração a somente uma tradução do texto. Para Arantes (2009) o texto projeta-se na imagem e vice-versa, tratando-se de uma interação de mão dupla. Por este motivo que, mesmo essa pesquisa tendo como foco as ilustrações, pretende-se levar em conta o texto verbal a que elas se referem.

Conforme Rui de Oliveira apud Arantes (2009) "ela [a imagem] representa também os fatos visuais poéticos que poderiam acontecer" e materializam-se, na imagem, "aquilo que é inexprimível pela palavra" (p. 65).

A autora classifica *Os Contos de mamãe Ganso* (1677) como a primeira edição para a infância na cultura ocidental, que compila uma série de histórias populares adaptadas por Charles Perrault, seguidas de moralidades. No Brasil a primeira edição é *Contos da Dona Carochinha*, do jornalista Alberto Figueiredo Pimentel (1896). E ressalta que a ilustração aparece nesse contexto como uma linguagem de acesso mais imediato, ensinando o leitor mirim a interagir com a palavra, essa que antes ele só conhecia oralmente.

Outro ponto importante trazido por Arantes (2009) é a relevância da revolução industrial no século XIX para o aumento significativo da qualidade dos livros para crianças. Devido ao aprimoramento das qualidades estéticas, a imagem nos livros infantis ganham o estatuto de arte e é reconhecida como uma manifestação cultural. A partir de então, o ilustrador, assim como o escritor, é personagem essencial na produção de um livro infantil.

A ilustração (...) é vista em confluência com a linguagem verbal, ampliando as possibilidades semânticas entre si no texto ilustrado: texto verbal e texto-imagem inter-relacionados, assim como seus campos semânticos (ARANTES, 2009, p.32).

Os antagonistas: a figura do mal no imaginário infantil

A sombra sendo tudo aquilo que é indesejado, muitas vezes é confundida com o *mal* em si, embora saibamos que ela está muito distante de ser má ou boa. Nas histórias, o personagem que representa justamente aquilo que há de inaceitável para nossa sociedade é o vilão, por este motivo que tomamos comumente o vilão como representante dos aspectos sombrios nas histórias infantis. Alguns dos vilões clássicos das histórias infantis são o lobo, e a bruxa.

Almeida, Canete e Bomtempo (2005) fazem uma investigação sobre o imaginário infantil por meio dos contos de fadas. Elas buscaram resgatar aspectos relacionados à figura da bruxa, pretendendo identificar os significados atribuídos pelas crianças e verificar a existência de variações nas representações mentais em

relação à imagem tradicional da bruxa em nossa cultura. Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva de abordagem qualitativa realizada em uma escola de educação infantil da rede particular de ensino da cidade de São Paulo, cujos alunos são de nível sócio econômico médio. O estudo foi realizado com catorze alunos entre três e seis anos. As crianças foram selecionadas aleatoriamente, dentre aquelas que se encontravam na escola no dia em que a coleta de dados foi realizada e que possuíssem autorização do responsável legal para participar do estudo. As crianças que aceitaram participar da pesquisa foram entrevistadas individualmente. Inicialmente foram oferecidos uma folha de papel em branco, lápis preto e coloridos, canetas hidrográficas e borracha, solicitando-lhes que desenhassem uma bruxa. Ao término do desenho, pedia-se que elas contassem uma história a respeito da bruxa que haviam desenhado.

Nas conclusões dessa pesquisa, as autoras definem quatro categorias para traçar o perfil das bruxas: a aparência física, como ela se comporta, onde vive e quais personagens se relacionam à bruxa nas histórias das crianças. Ao discutir esses tópicos estabelecem um rico diálogo entre os depoimentos das crianças, Jung (1984), Winnicott (1975), Bettelheim, (1980), Franz (1985) e Gutfreind (2004).

A análise dos significados apreendidos a partir dos relatos e dos desenhos das crianças possibilitou às autoras desse estudo perceber que a imagem tradicional da bruxa como um ser com poderes mágicos, malévolo e de aparência feia, predominou nas representações mentais das crianças estudadas. Tornou-se evidente a importância que ainda têm os antigos contos infantis, apesar de tantos personagens novos que povoam o imaginário infantil nos dias de hoje, por meio da televisão e dos jogos eletrônicos.

Algumas características da aparência física da bruxa parecem estar diretamente relacionadas com este perfil maldoso - por exemplo um olhar bravo e uma risada vingativa - e o castelo é o principal lugar onde ela vive, estando o cenário da história geralmente associado à noite e ao escuro. O sol representa uma força que se contrapõe à bruxa, surgindo somente depois que ela vai embora ou é destruída.

Assim como o lobo, a bruxa é uma das figuras mais clássicas de sombra nas histórias infantis. Suas características estão relacionados a outros aspectos da sombra. Essa pesquisa nos aproxima do tema de como é vista a sombra pelas crianças, tema esse que estamos prestes a nos aprofundar.

Em Zambon (2009) encontramos uma rica reflexão sobre os estereótipos e o diferente na literatura infantil. Nessa pesquisa ela estuda a figura do herói e da heroína; que muito nos serve dado que a definição de vilão é, em última instância, o não-herói.

A autora descreve os vilões assim: geralmente têm um olhar frio, uma expressão ruim ou falta-lhes expressão e emoção. Eles são vaidosos, trajam-se muito bem, e são muito interessados em poder e riqueza. São manipuladores e extremamente desonestos, usando desses predicados para subjugar suas vítimas. Segundo a autora, eles conhecem as fraquezas da heroína/ herói e usam de ameaças físicas e psicológicas para ameaçá-los, e por isso sentem-se poderosos em relação a eles, por saberem como destituí-los do poder. Para a autora a característica mais marcante dos vilões é o jogo de poder que eles estabelecem com o herói/heroína.

Na monografia da autora há uma passagem que relaciona o herói ao belo, como veremos no livro de Umberto Eco. Zambon (2009) diz que os livros de histórias infantis de contos de fadas tradicionais - como Branca de Neve, Cinderela, Rapunzel e outros - têm coincidentemente, o mesmo perfil quanto aos seus heróis e heroínas, pois todos apresentam um retrato do belo: o belo príncipe, a bela princesa. E como seria o perfil dos vilões? Feios por fora e por dentro? Vaidosos?

Esse padrão se transforma e hoje podemos ver um cenário bem diferente desse apresentado pelos Irmãos Grimm. Zambon (2009) exemplifica esse outro cenário com alguns títulos atuais: *Histórias de Bruxa Boa* (LUFT, 2004) e *Minha irmã é diferente* (ALMEIDA, 1991). Por serem livros que demonstram a preocupação dos autores em enaltecer os valores da alma humana em detrimento da beleza exterior e desconstruir a ideia que as aparências que se diferem do padrão são feias e indesejadas.

No entanto, Zambon (2009) conclui dizendo que os estereótipos circulam através dos tempos, sobretudo pelas histórias infantis, abrindo caminho para o preconceito de raça, cor, credo e tudo o que se mostrar diferente do que é tido como padrão. Podemos relacionar essa conclusão da autora com os primeiros questionamentos que levaram ao início essa pesquisa, acerca do quanto a reprodução imagética de elementos característicos contribui para a manutenção - ou transformação - de conceitos da nossa sociedade.

Nas histórias do *Patinho Feio* (FRANÇA, 1993) e da *Bela e a Fera* (DISNEY,

1993), entre muitas e muitas outras, segundo Zambom (2009), vemos exemplos claros de que os personagens têm que ser belos para serem felizes. Mesmo a história trazendo a moral de que as coisas não são sempre o que elas aparentam, no final a conclusão é que é ruim ser diferente e feio. Não dá para ser feliz assim. Tanto o patinho se transforma em um belo cisne, quanto a fera, em um belo príncipe.

Acerca disso acredito que seja possível fazer uma outra análise: o patinho feio não se tornou simplesmente bonito e conseqüentemente feliz, e sim encontrou o grupo ao qual pertencia, que não era sua família de origem; então a história fala de pertencimento, aceitação, diferenciação, outros temas para além da questão estética. Já a história da *Bela e a Fera*, além de ser entendida no sentido de que a beleza externa não reflete necessariamente a beleza interna - entendendo assim a beleza como bondade desassociada da estética harmônica - trazendo com isso uma complexidade de um mundo menos maniqueísta. Porém, mesmo com essa interpretação a associação entre belo-bom continua presente.

Outra análise que nos pode ser útil, ainda segundo Zambom (2009), é a de que as narrativas muitas vezes expressam uma temática ligada ao jogo de poder, ambição material, vaidade, orgulho, ciúmes, ódio e paixão. Nas histórias analisadas, são os vilões que trazem violência, como nos casos que mostram a prepotência do mais forte que explora o mais fraco e da astúcia deste tentando vencê-lo. Esses vilões carregam o papel de mostrar um aspecto sombrio da natureza humana e modificam a inocência infantil quando encenam justamente todas as características humanas que não desejávamos ter e nem explicitar.

Zambon (2009) faz uma observação em relação aos heróis da atualidade: afirma que estão mais de acordo com a realidade humana, que os desfechos das histórias caminham para um herói que tende a perdoar o inimigo e direcioná-lo para o bem, dando-lhe uma nova chance. Afirma que os heróis modernos já não se vingam tão brutalmente dos inimigos, como víamos no livro *Contos da Dona Carochinha* (1896), onde as bruxas e madrastas eram cruelmente assassinadas, ao mesmo tempo em que o príncipe e a princesa celebravam suas bodas.

Muitos adultos ficam chocados com a violência dos contos de fadas e se surpreendem com o fato de que não a percebiam quando eram crianças, comprazendo-se nela. É que a maioria das crianças, além de aceitar naturalmente o maravilhoso, espera com inabalável certeza aquilo que o conto promete e sempre cumpre: "e foram felizes para sempre" (CHAUÍ, 1984, p.32).

Por fim, segundo Zambon (2009), os escritores e escritoras contemporâneos optam por personagens que trazem essa condição ambígua do ser humano, que é mais condizente com conceitos atuais de busca pela valorização da diversidade.

Podemos dizer que o vilão é o não herói e vice-versa, ou seja, a figura do vilão é então imprescindível para que haja o herói - assim como a relação entre sombra e persona, como veremos mais adiante.

O vilão em última instância representa aquilo que é indesejável na nossa sociedade, ou seja, a sombra. Pode-se dizer que nas histórias infantis tradicionais o vilão, mostrando o que não deve ser feito, garante o caráter educativo das narrativas, demonstrando e passando valores sociais. Ou seja, as leis sociais aparecem com o conflito trazido pelo vilão e talvez o papel do vilão seja justamente esse: de fortalecer as condutas certas, conduzindo e orientando a vida.

Pensando na representação gráfica: na figura do vilão quais são os elementos que o identificam? No caso das bruxas, desde quando a verruga é usada para caracterizá-las? E os lobos, sempre têm dentes grandes?

Sobre o mal

Belo é feio, feio é belo (SHAKESPEARE, MacBeth, 1º ato; apud ECO, p. 20, 2007).

Para tal discussão acerca da sombra nos dias de hoje, é relevante entender a história do mal, ou melhor, do que ao longo da história foi considerado indesejado. Com essa finalidade, recorreu-se ao Eco, e assim foi possível traçar uma breve história de como o mal foi representado e entendido ao longo da história, principalmente do nosso continente colonizador, a Europa

Umberto Eco (2007) nos ajuda a compreender por quais caminhos andaram as representações que nos levaram muitas vezes a associar o bom ao belo e o mau ao feio. Inicia o livro afirmando que esses conceitos são relativos aos vários períodos históricos, depende do que cada cultura daquele tempo considera sendo o

belo, o padrão.

Jacques de Vitry ao louvar a beleza “admitia que provavelmente os ciclopes, que têm um olho só, se espantam com aqueles que têm dois olhos, como nós nos assombramos com eles ou com as criaturas de três olhos...” (ECO, p. 10, 2007);

Essas colocações iniciais dizem respeito a projeções que fazemos, como, da sombra, que discutiremos adiante. Nietzsche apud Eco (2007) diz que o homem se vê no mundo, "se coloca como medida de perfeição (...) considera belo tudo o que lhe devolve sua imagem" (ECO, p.15, 2007).

Mais adiante no livro, o autor estabelece uma relação entre o belo e aquilo que se expressa sob formas harmônicas e proporcionais. Por sua vez, além de desproporcional, o autor relaciona o feio e o *mal moral*, outra ideia que aparecerá mais adiante nesse trabalho.

No seu ensaio sobre *A Expressão dos sentimentos no homem e nos animais*, Darwin destacava que aquilo que provoca aversão em uma determinada cultura, não o faz em outra e vice-versa, mas concluía dizendo que, contudo, "parece que os diversos movimentos descritos como expressivos do desprezo e do nojo são idênticos em grande parte do mundo" (ECO, p.19, 2007).

O ponto de vista religioso também contribui para essa discussão. Deus teria criado o céu, a terra e todo o mundo e, por conta disso, o universo todo é belo, pois foi construído segundo a imagem e semelhança de seu criador-arquiteto (ECO, 2007). Assim, dizer que o mundo era belo era o mesmo que dizer que era bom. Entendendo *beleza* como tudo que é proporcional e divino; e *feiúra* o oposto disso. Durante essa pesquisa foi possível observar essa associação entre o *belo* e o *bom* e entre o *feio* e o *mau* em muitos textos, usados por vezes como se fossem sinônimos.

Segundo Eco (2007), foi Santo Agostinho (354-430) quem primeiro se preocupou com a existência e com a justificação do feio e do mal em um mundo criado por Deus. Em *Diálogo Sobre a Ordem* (2000), Santo Agostinho admite a existência de coisas disformes e más no mundo, esclarecendo que mesmo o erro faz parte da ordem geral; conceito esse que se relaciona intimamente com o de *sombra* proposto por Jung.

Diferentemente, no Romantismo há uma exaltação do feio, Victor Hugo em seu prefácio *Do grotesco e do sublime* (1827) diz que o gênio moderno seria resultado justamente da coexistência do grotesco com o sublime, e desta junção surgiria uma infinidade complexa de formas e possibilidades de criação artística. O grotesco é entendido por ele como uma fonte de inspiração.

John Milton (1667, apud ECO, 2007), publica poemas onde o diabo ganha um aspecto sedutor e belo; ganhando corpo de homem é descrito como decaído, mas não arrependido, ele é ao mesmo tempo cruel e belo. O demônio assume inúmeras formas até o momento em que não tem forma alguma (ECO, 2007). Ao não ter forma alguma se torna mais perturbador, pois nele podem reconhecer-se todo medo.

Eco (2007) diz que a criatura *disforme* é símbolo da tendência que tem o homem de representar aquilo que deve temer e combater. Em outros termos, trata-se da relação entre *inimigo e feio*, ou também, *desconhecido e sombra*.

O mesmo autor, descreve diferentes conceitos de maldade e de feiúra ao longo da história, como por exemplo: durante a Antiguidade acreditava-se que as deformidades físicas eram anúncio de infortúnios. No Renascimento, com o grande valor que o conhecimento e a razão adquiriram nesse período, os seres disformes passam a ser objetos de observação científica; o exótico torna-se contemplativo e, sem deixar de ser feio, passa a ser admirável.

A representação artística do feio teve diferentes funções, foi utilizada tanto para denunciar a presença do mau e afastar os homens do pecado, quanto para desmistificar a feiúra criando monstros horrorosos e amáveis. O que sempre se sustentou foi a ideia de que mesmo as coisas feias são necessárias para a ordem do conjunto e que, sem elas, nada pode desempenhar o seu papel na sociedade.

Mas ainda há um outro motivo para a representação artística do feio que diz respeito às coisas que desejamos esconder e ignorar e que, entretanto, insistem em existir. A violência, o lixo, a miséria, a fome, a guerra são apenas alguns exemplos da feiúra que nos cerca cotidianamente. Nesse caso, o feio não é objeto de admiração; ele é real o suficiente para causar-nos repulsa, nojo e distanciamento. E “a arte dos vários séculos tem se voltado com (...) insistência a representar o feio. Por mais marginal que seja, sua voz tenta recordar que há neste mundo algo de irreduzível e de maligno” (ECO, 2007, p. 436). A arte com a função de trazer a luz da consciência conteúdos da sombra da sociedade, ou seja, a arte ajudando-nos a nos deparar com a nossa sombra; para quem sabe reconhecê-las e seguir por um

caminho mais singular e apropriado.

Em uma entrevista realizada por Edney Silvestre (2009), o mesmo autor italiano diz que há duas relações diferentes entre o inimigo e o feio. Sucintamente, na primeira, o inimigo torna-se feio, como foi o caso dos judeus na Alemanha de Adolf Hitler. E na segunda, quem é feio torna-se inimigo, como aconteceu na caça às bruxas. Ainda nessa entrevista, Umberto Eco diz que há duas razões para o que ele chama de *excesso de feiúra* em nosso tempo: uma, são os artistas vanguardistas do início do século XX que se propunham a ir contra todos os padrões existentes e combater a burguesia, ou seja, voluntariamente produziam obras feias. A outra, seria o fato de, nos dias de hoje, o conceito de bonito e feio serem confusos, "os misturamos com desenvoltura" (ECO, 2009).

Eco (2007) diz há algumas experiências fundamentais que consideramos sempre notoriamente feias como, por exemplo: um rato morto, um cadáver ou uma cobra. Esta interessante colocação que ele faz leva ao questionamento: será que existem elementos que consideramos sempre notoriamente maus? Além disso, ele relaciona o feio com aquilo que nos causa asco, nojo, e diz haver uma constância através do tempo, porém não através do espaço - a exemplo dos americanos que se enojam ao pensar que os franceses comem rãs. Essa análise também suscita outras questões: será que podemos dizer o mesmo sobre as representações gráficas da sombra, que há elementos que se mantêm no tempo, mas não no espaço?

Considerando que Eco traz em sua obra o processo em alguns períodos da história pelo qual passou o *feio*, entendido em termos gerais como tudo aquilo que é indesejado socialmente; é possível notar que o *feio* por ele apresentado se relaciona ao conceito de sombra, que será explicado a seguir.

3. Arquétipos, símbolos e formação da sombra

As imagens arquetípicas, assim como os símbolos, pertencem ao inconsciente coletivo; que assim, é composto por conteúdos transpessoais universais que não podem ser manejados e assimilados completamente pelo ego. Os arquétipos originaram-se nas vivências típicas da humanidade experimentadas através de milênios.

(...) símbolo é uma imagem ou forma que dá a melhor expressão possível a um conteúdo cujo significado é, ainda em grande parte, desconhecido. O símbolo deve ser interpretado pelo método da analogia, que amplifica o significado desconhecido até o ponto da visibilidade (ARAGÃO, 1994, p. 9).

Dentre os arquétipos há a persona e a sombra; que podem ser consideradas arquetípicas já que são características de todo ser humano. É na relação do bebê com o mundo, durante a estruturação do ego, que surge a persona e a sombra. Durante esta fase o bebê precisa da aprovação do outro, e para ser aceito ele nega características próprias, ou seja, ele nega seu eu-real em função do eu-ideal, a fim de se adaptar as normas sociais. Assim, de um lado, a criança vai corresponder ao meio externo formando a persona e, de outro, vai reprimir o que não é bem aceito formando a sombra. E cabe ao ego vai fazer a mediação entre estas duas instancias (Aragão, 1994).

O conceito de sombra na Psicologia Analítica, refere-se a traços da personalidade que o ego rejeita, reprime, desconhece, uma vez que não condizem com o ego ideal, com a imagem esperada de si mesmo - ou apenas desconhecida, como será explicado mais adiante.

Aprofundando e seguindo adiante com o raciocínio, pode-se e dizer que a sombra vai se formando através de processos de socialização desde o nascimento. Ao nascer, o ego começa a se estruturar a partir da relação com o mundo externo. O bebê ainda não tem ego estruturado completamente e precisa que lhe seja fornecido modelo para que se encaixe. Esse modelo é fornecido pela família que idealiza um papel - uma persona - para a criança. Ou seja, a criança tem como referência os outros e sente a necessidade de ser aceita. É, nesse momento, que inicia a formação da persona e da sombra, e para que isso ocorra a criança nega algumas

de suas características. Este material pertence ao inconsciente pessoal e pode ter sido rejeitado antes mesmo de se tornar consciente, logo a pessoa pode nunca ter clareza de possuir estas características.

O seguinte trecho de Aragão (1994) resume o que foi dito: "Tentando nos adequar, rejeitamos parte de nós mesmos, sentimentos e expressões que não seriam bem aceitos. Desde muito cedo a criança abre mão do seu eu-real pelo eu-ideal" (p. 14).

As regras sociais - passadas também através da literatura, como palavra e imagem - vão determinar o que é certo e o que é errado, e assim, como foi dito: de um lado a criança vai corresponder ao mundo externo (expressando a persona) e de outro vai reprimir os conteúdos que não são bem vistos (formando a sombra). O ego deve agir como mediador entre essas duas instancias: a persona e a sombra.

A Psicologia compreende a persona como a máscara que usamos quando saímos para o confronto com o mundo e as outras pessoas. Seria como a capa externa da nossa personalidade de ego. A persona é a primeira parte em nós que as outras pessoas vêem, e a nossa parte que queremos que elas vejam (SANFORD, 1988, p. 87).

Com o desenvolvimento, a criança deverá perceber que seu ego é diferente da persona isto é, deverá se desidentificar e notar que possui outras características, além das expostas. Se essa desidentificação não ocorrer, a personalidade real da pessoa fica presa atrás da máscara criada pela persona e, através do sistema de compensação psíquica, será criado um oposto no seu inconsciente. O sistema de compensação procura manter um equilíbrio entre os opostos.

Stein (2006) ressalta a importância da desidentificação com a persona, sendo essa - junto com a aceitação da sombra - o único modo de uma maior integração entre persona e sombra, no sentido da individuação. Como a sombra inevitavelmente surge no processo de formação da consciência, porque é resultado da divisão da natureza do ego, podemos dizer que ela é arquetípica. A tendência arquetípica da formação do ego leva à formação (arquetípica) da persona e a formação (arquetípica) da sombra. Relacionando com as propostas dessa pesquisa: "devido ao fato de a sombra ser um arquétipo, ela tem sido, frequentemente,

representada através de mitos, contos de fada e na grande literatura" (SANFORD, 1988, p. 73). Por este motivo que a análise de um só livro é relevante como material para pensar a sociedade.

Durante o desenvolvimento, a sombra sempre vai se construir de elementos que não condizem com nosso ego ideal. "O termo sombra refere-se à parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal" (WHITMONT, 1990, p. 144). Como a psique é dinâmica, a sombra nunca terminará, pois em cada nível de consciência haverá coisas aceitas e não aceitas, coisas que são ou não compatíveis com nosso ego ideal.

A sombra induz à vergonha, a uma sensação de indignidade, a um sentimento de impureza, de estar manchado e ser indesejável. (...) Não queremos ser demasiado diferentes, pois os nossos pontos de diferença, onde a persona termina e a sombra começa, fazemos sentir vergonha. (STEIN, 2006, p. 112)

Apesar do receio de encarar a própria sombra, é fundamental, pois negada ou não, ela existe e tem seus próprios meios para se expressar. É através de sua expressão que pode ser reconhecida.

(...) meio mais eficaz para que vislumbremos a natureza da nossa sombra é trabalhando nossas relações humanas. Outras pessoas terão objeções quanto à nossa sombra e nos apontarão o que estamos fazendo a elas. Ouviremos o que os outros têm a nos dizer e acatando suas objeções de coração, quando válidas, chegaremos a um reconhecimento da nossa sombra (SANFORD, 1988, p. 82).

Quando o ego se recusa em algum nível a viver a sombra é como se ela fosse se afastando, se desvinculando dele, e se aprofunda em um nível mais impessoal, mais arquetípico. Esse impulso destrutivo gradualmente perde características humanas, ficando fora de controle e pode atuar de uma forma muito perigosa, já que atua de uma maneira desvinculada da natureza humana (ARAGÃO, 1994). Então com o tempo o ego vai perdendo a capacidade de integrar a sombra que se torna cada vez mais autônoma.

Porém, é preciso que se tome cuidado ao se aproximar da sombra, para que ela não domine. Deve-se tomar conhecimento de seu conteúdo, sem deixar que ele

se expresse aleatoriamente.

Mesmo que não sejamos responsáveis pelo modo como somos e sentimos, temos de assumir a responsabilidade pelo modo como agimos. Portanto, precisamos aprender a nos disciplinar. E a disciplina repousa na capacidade de agir contrariamente aos nossos sentimentos quando necessário. Isso é uma prerrogativa eminente humana e também uma necessidade (WHITMONT, 1990, p. 150).

Ou seja, o ser humano apenas se tornará mais conscientes de si mesmo entrando em contato com seu lado sombrio e se responsabilizando pela pessoa imperfeita que é.

O conceito de sombra diz respeito a um dos fatores psíquicos do inconsciente pelo qual o Ego não tem capacidade de controle (VON FRANZ, 2002, p. 11). Dessa forma, "a sombra é o lado inconsciente das operações intencionais, voluntárias e defensivas do Ego" (STEIN, 2006, p. 98).

Como a sombra é constituída por partes da personalidade do Ego, que em algum momento foi recalcada, suprimida, esses conteúdos específicos podem mudar de acordo com o grau de defensividade do Ego diante de determinadas situações.

A sombra, porém, é uma parte viva da personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. Não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização (JUNG, 2003, p.31).

Pelo fato do ego não conseguir se apropriar conscientemente do conteúdo da sombra, este é projetado nos outros sujeitos; e o ego usualmente, não possui sequer consciência de que projeta uma sombra. Por esse motivo, muitas vezes, ao julgar alguém por determinada atitude ou forma de ser é possível que o sujeito esteja projetando no outro conteúdo inconsciente presente na própria sombra. Stein (2006) ressalta que a maneira mais eficiente de se entrar em contato com a própria sombra é conversando com pessoas muito próximas. "Se alguém vivesse sozinho seria praticamente impossível perceber sua própria sombra, pois não haveria ninguém para lhe dizer qual seria sua imagem" (VON FRANZ, 2002, p. 15).

Para uma melhor compreensão, em vez de aludir à sombra como uma coisa, é preferível, porém, pensar nas "qualidades ou traços psicológicos que estão 'na sombra' (isto é, escondidos, encobertos, através de nós, no escuro) ou são 'indistintos'" (STEIN, 2006, p. 98).

Von Franz define sombra como a personificação de certos aspectos inconscientes da personalidade que poderiam ser acrescentados ao complexo do ego mas que, por várias razões, não o são. "Poderíamos portanto dizer que a sombra é a parte obscura, a parte não vivida e reprimida da estrutura do ego, mas isso é só parcialmente verdadeiro" (VON FRANZ, 2002, p. 11). De modo geral, a sombra possui uma qualidade imoral ou, pelo menos, pouco recomendável contendo características da natureza de uma pessoa que são contrárias aos costumes e convenções morais da sociedade.

Entretanto, Jung criticava seus alunos quando estes se apegavam aos seus conceitos de maneira literal, fazendo deles um sistema, e quando o citavam sem saber exatamente do que falavam. Numa discussão acabou por dizer: "Isto não tem sentido, a sombra é simplesmente todo o inconsciente" (VON FRANZ, p.7, 2002).

Vale acrescentar que a sombra existe por conta da fascinante sensibilidade humana aos ambientes sociais, ou seja, as pessoas são sensíveis às expectativas de outras pessoas.

O ser humano sempre temeu sua própria sombra, pois nela presente a presença de tudo que, na verdade, desejaria fingir que nunca existiu. Mas sem a conscientização da natureza sombria não há processo de individuação que se sustente.

A princípio cada escolha pressupõe algo que não foi escolhido, ou seja, algo que foi relegado à margem, ao âmbito da sombra. É importante também perceber que esse movimento de transformação é constante e infinito, pois uma vez que se admite a existência da natureza sombria em seu interior, sempre haverá novos conteúdos formados no dinâmico movimento da psique. É uma equação simples: cada conteúdo iluminado produz sua sombra no inconsciente, sempre. É um processo infinito de auto-conhecimento e expansão da consciência.

Neste sentido, o indivíduo terá invariavelmente a companhia da sombra em sua viagem evolutiva rumo à individuação. E terá que confrontar sem cessar seus medos, como é o caso do livro *Chapeuzinho Amarelo* (1997) analisado nesse

trabalho, e tudo o que o impeça de trazer à esfera da consciência o que está na periferia da psique, partindo constantemente da percepção de sua natureza sombria. Os sonhos também podem contribuir muito para isso, muitas vezes constituindo o primeiro passo no processo de admissão da presença deste atributo negativo do ego (VON FRANZ, 2002), que pode igualmente se revelar positivo ao conferir intensidade à criatividade, à inspiração e a todas as emoções que envolvem o processo da criação.

É comum que se associe a sombra ao mal, já que geralmente é reprimido exatamente os aspectos que não são bem vistos pela sociedade. Porém, isso pode ser um grande equívoco, pois quando a sombra é integrada, ela é fonte de muita energia criativa e os efeitos maléficos de sua projeção são atenuados. É possível afirmar que em si mesma a natureza está além do bem e do mal.

Para exemplificar esse caráter criativo da sombra, Aragão (1994) fala da agressividade usada para que a pessoa tenha mais energia para conquistar seus objetivos ao invés de ser usada como meio de ferir. Ou seja, conteúdos da sombra quando encontram um modo adequado de expressão não são necessariamente destrutivos, agressivos ou vergonhosos (STEIN, 2006).

Quando não é possível enxergar o ser imperfeito que se é, há a tendência a projetar todo o mal no outro, que como portador deste mal deve ser destruído. Esse mecanismo em uma escala coletiva é fonte de preconceito e segregações; projeta-se a sombra coletiva no outro e assim pode-se aniquilá-lo, tendo a ilusão de com isso aniquilar também a sombra.

É importante ressaltar alguns pontos desse processo, pois quanto mais procurar-se negar o mal e se tornar um ser com indissolúveis ideais de bondade e amor, incorporando um comportamento ideal, mais se cria dentro de si a reação oposta. Ou seja, ao invés de se forçar a ser perfeito, deve-se incorporar a imperfeição, pois somente através do auto conhecimento será possível elevar efetivamente os padrões morais. Caso se solidifique a tentativa de ir contra o lado sombrio, este agirá destrutivamente. O mal faz parte do ser humano completo e deve ser admitido para que não se corra o risco de ser dominado por ele ou que ele se expresse através do indivíduo sem esse dar-se conta.

Com essa colocação pretende-se explicitar a relação entre a importância de se reconhecer imperfeito (retirando dos outros todo o mal) com capacidade de agir ativamente e produtivamente no mundo, agora já não tão ameaçador. O livro

Chapeuzinho Amarelo (1997) dialoga diretamente com esse aspecto da psicologia analítica.

Sobre a sombra pessoal, Jung (1988) fala de como as projeções afastam o sujeito do mundo que será visto cada vez de maneira mais *cruel*, levando-o a um distanciamento, a um recolhimento; com isso, ele fica cada vez menos implicado e mais se coloca como vítima. Segundo Jung (1988), cria-se dessa maneira casulos próprios que protegem e aprisionam. Há porém uma ressalva importante, o autor diz que é possível entrar em contato com a sombra porque ela aparece de muitos jeitos, mas encarar o próprio mal não.

A sombra dentro do processo de individuação

Faz parte do processo de individuação confrontar-se com conteúdos inconscientes que são sombrios e penosos, e que terão que ser admitidos. Assim a individuação vai proporcionar a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano, possibilitando um melhor desenvolvimento social. "Individuação significa tornar-se um ser único" (JUNG, 1989, p. 49).

A individuação é um processo que amplia a consciência e pode ser vivida por todos; o inconsciente se encarrega de levar à consciência conteúdos que a ampliam. Os primeiros conteúdos provêm da sombra, assim, através do reconhecimento desses se produz uma grande mudança, isto é: o desenvolvimento de uma personalidade mais consciente e de uma verdadeira moralidade - já que não se vai mais estar respondendo à projeções (ARAGÃO, 1994).

O autoconhecimento é essencial para que os valores morais sejam mais verdadeiros. Enquanto se fica cego a própria sombra, ela seguirá se manifestando de modo autônomo e a moral baseando-se em figuras externas distorcidas. O conceito de bem e mal, certo e errado, estaria baseado nas projeções da sombra.

Projeções de toda espécie toldam a nossa visão do próximo e, destruindo a sua objetividade destroem qualquer possibilidade de um relacionamento humano autêntico (JUNG, 1989, p. 172).

Além disso, como é a sombra que inicia o confronto com a parte inconsciente da personalidade, é ela que principia o contato com o Self. "De fato, não há acesso ao inconsciente e à nossa própria realidade a não ser através da sombra" (WHITIMONT, 1990, p. 148). Somente quando se reconhece os conteúdos da sombra como seu e, conseqüentemente, se reconhece sendo imperfeito, é que se aproxima da individuação. É possível concluir que o objetivo da individuação não é um homem perfeito, mas o homem completo: com sua luz e sua escuridão.

4. Lobo

Os contos de fada passam de geração para geração restando apenas sua estrutura básica e o que existe de mais coletivo e arquetípico nela. O material arquetípico deixa uma *impressão eterna* e por isto é lembrado. Considerando-se que esta seja a origem, os contos representam a estrutura psicológica elementar do homem (VON FRANZ, 2002).

É pela importância do lobo nos contos de fadas infantis que estudá-lo se mostra como uma rica fonte de símbolos e conceitos para compreender diversos aspectos da sombra na sociedade. A figura do lobo consta no enredo do livro de Chico Buarque, por este motivo foi escolhida para ser amplificada.

Há muito na literatura acerca desse animal. Diversas culturas têm rituais que envolvem o lobo sendo adorado (como os deuses-lobo greco-romanos), ou alguma parte de seu corpo utilizada, como a pele. Além disso, o lobo também aparece em muitos mitos. Vale aqui se deter mais aos significados encontrados que se relacionam com o livro analisado *Chapeuzinho Amarelo* (1997).

O simbolismo do lobo é relacionado tanto à extrema maldade devoradora e voraz, quanto a uma mãe provedora e boa (RAMOS et al, 2005). E tanto ao diabo e aos deuses do inferno quanto à luz, à força e à coragem (CHEVALIER e CHEERBRANT, 2009).

Outro aspecto relevante do simbolismo do lobo que convém mencionar é a sua associação constante à morte, mas também à morte como processo de transformação (RAMOS et al, 2005). Em Chevalier e Cheerbrant (2009) há importantes referências à goela do lobo como símbolo desse processo de renascimento, ressurreição. Símbolo este que é visto na história *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo.

Aqui, o lobo revela o aspecto cru e destrutivo da morte. O corpo em decomposição é devorado por ele, o que representa a finitude da matéria como etapa necessária para o desenvolvimento. Desse modo, os rituais de iniciação e o lobo como símbolo de morte e renascimento significam a passagem da infância, da inocência, para uma etapa mais adulta e diferenciada. Entrar em contato com o lobo pode significar a entrada no inconsciente, o contato com a sombra, para depois "renascer" com os aspectos "lupinos" assimilados pelo ego (RAMOS et al, 2005, p. 161).

O lobo como símbolo do mal e da destrutividade, de caráter perverso e demoníaco aparece no folclore e na literatura de diversas culturas. É possível que sua "aparência vigorosa e temerária, seus constantes ataques ao homem e aos outros animais, e a impossibilidade de domesticá-lo tenham feito do lobo o objeto de projeção maciça da sombra coletiva, destrutiva" (RAMOS et al, 2005, p. 154).

Acautelai-vos contra os falsos profetas, que vêm a vós com vestes de carneiro, mas por dentro são lobos vorazes (Mt 7,15).

Os lobos famosos carregam a sombra coletiva, sobre eles projetam-se a agressividade e o desejo de poder reprimidos e não aceitos pela comunidade (RAMOS et al, 2005). Para adaptar essas forças à vida consciente e cotidiana é necessário a capacidade de transformar essa energia bruta e impulsiva, controlando a voracidade inconsciente.

Entretanto, há também a associação desse animal à luz, coragem, força e sabedoria da floresta. Por vezes, o lobo aparece como guia e protetor. Em alguns mitos europeus, o lobo aparece exercendo a função de psicopompo, conduzindo a alma ao paraíso. No papel de mensageiro, de figura que transita entre os dois mundos que remete a Hermes, para os gregos, e a Mercúrio, para os romanos. Lembrando que sendo lobo um animal de força impulsiva e primária, da caça e da guerra, também está relacionado a Marte, da mitologia romana (VON FRANZ, 1985).

No plano psicológico, interpretar o lobo como guia e guardião sinalizaria justamente uma integração de aspectos agressivos e sombrios à consciência, ampliando a percepção dessas qualidades em si mesmo e no outro. "Nos sonhos, quando o lobo aparece com seu aspecto positivo, pode representar a inteligência ou sabedoria daquele que conhece o mundo interior" (RAMOS et al, 2005, p. 159). Este trecho deixa claro a força do símbolo do lobo, sua íntima ligação ao conceito de sombra e a potência de expansão da consciência que pode representar.

É interessante notar que são as mesmas características negativas - a ferocidade e a firmeza - que em algumas ocasiões são vistas como positivas, e até necessárias para fazer prevalecer valores fundamentais.

E, para a psique, em seu aspecto benéfico "o lobo pode simbolizar a possibilidade da contenção necessária dos impulsos, conduzindo ao

desenvolvimento e à integração de novos recursos internos, o que permite um funcionamento pleno e criativo do indivíduo" (RAMOS et al, 2005, p. 159).

O poder do lobo está ligado a uma força criativa que se expressa na materialização, construindo um espaço que é a base na qual a vida pode desenvolver-se. Os rituais de apaziguamento, realizados quando um lobo é morto, nos lembram a atitude temerosa necessária diante de um poder maior, que não pode ser menosprezado. Na psique individual, essa força, quando bem assimilada fornece a base para o enfrentamento dos conflitos cotidianos (RAMOS et al, 2005, p. 154).

Usando como exemplo a *Chapeuzinho Vermelho*, é possível fazer a análise de que o lobo aparece na história para regular a sexualidade da menina e impedir que os vínculos paternos se quebrem cedo demais. Além disso, é possível relacionar o lobo ao contato com a própria sombra, ou seja, promovendo o desenvolvimento da personagem ao caminho da individuação.

(...) o lobo está associado (...) a transformação da consciência pelo sacrifício de atitudes adaptativas ao mundo externo. (...) o lobo estaria aqui [com uma impulsividade incontida, tornando-se presa de sua própria voracidade] representando o desejo que consome a consciência e gera uma grande tensão na personalidade; esta, para dar continuidade ao processo de individuação, precisará suportar as pulsões das energias instintivas (RAMOS et al, 2005, p. 157).

Von Franz (1985) relaciona os corvos e os lobos, por terem tanto aspectos obscuros quanto numinosos, "(...) ambos [o corvo e o lobo] acompanhavam Odin nas lendas germânicas e escandinavas, os corvos associando-se ao pensamento e à reflexão, e os lobos aos impulsos instintivos e irrefletidos" (RAMOS et al, 2005, p. 175).

Von Franz (1985) descreve o lobo contendo uma incrível inteligência natural; olhos que brilham no escuro, e por esse motivo é noturno e também um animal da luz. Vale retomar o aspecto da fome e da voracidade do lobo que ao mesmo tempo que é a sua força é sua desgraça. Von Franz (1985) diz que lobo é chamado *lykos* – luz – por conta desse aspecto da voracidade, que quando dominada ou conduzida ao seu alvo correto é de extrema potência.

Outro símbolo muito associado ao Lobo é a figura do Lobisomem. Sobre esse tema há três pontos relevantes. Primeiro, a crença de que o lobisomem não tem sombra (RAMOS et al, 2005). Segundo: "No antigo reino anglo saxão, durante o século X (...) e a partir daquela época, a palavra 'lobisomem' passou a ser usada como sinônimo de anticristão ou fora-da-lei" (RAMOS et al, 2005, p. 177); ou seja, lobisomem aparece sendo a própria representação da sombra dessa sociedade. Por último, e de maior complexidade, a associação feita entre o lobisomem e o processo psicopatológico:

[o processo psicopatológico] que está associado principalmente ao arquétipo da Grande Mãe e aos instintos da sexualidade e da agressividade. O homem, aprisionado no arquétipo da Grande Mãe, não desenvolve suas características masculinas, viris, e se torna desvitalizado, com um ego frágil e vulnerável às forças femininas. Na 'sexta-feira de lua cheia', a noite em que o símbolo da força feminina atinge seu auge, as defesas sucumbem e o ego é assaltado por instintos incontroláveis. O homem perde as qualidades morais e éticas transformando-se com intenso sofrimento, num ser em que predominam as forças 'lupinas'. Os instintos sexuais e agressivos emergem na sua face negativa, destrutiva, podendo retratar um processo psicótico. O fato desse fenômeno ter uma representação simbólica tão grave revela a dificuldade de cura dessa patologia. A libertação do domínio arquetípico materno é representada, no plano simbólico, pela morte. (RAMOS et al, 2005, p. 179).

Essa citação dispensa análise, observa-se com clareza muitas das simbologias do lobo relacionadas e, além disso, a evidente importância de se diferenciar seja da mãe, seja da cultura ou do nosso ego ideal.

O lobo e o feminino

O animal tem um relacionamento secreto não somente com o deus sombrio da guerra e com o lado obscuro do deus da luz, mas também com o princípio feminino (VON FRANZ, 1985, p. 272).

Para iniciar e esclarecer as relações que existem entre as mulheres e os lobos há o seguinte trecho de Estés (1994) que apresenta as semelhanças entre os dois; de características e do lugar de ameaça que ocupam na sociedade:

Os lobos saudáveis e as mulheres saudáveis têm certas características psíquicas em comum: percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para a devoção. Os lobos e as mulheres são gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos, e têm grande preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Têm experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mutação. Tem uma determinação feroz e extrema coragem. (...) No entanto, as duas espécies foram perseguidas e acoçadas (...). Foram alvo daqueles que preferiam arrasar as matas virgens bem como os arredores selvagens da psique, erradicando o que fosse instintivo, sem deixar que dele restasse nenhum sinal (ESTÉS, 1994, p. 16).

A autora menciona a necessidade da mulher manter contato com o que ela chama de *psique instintiva*. Quando perde esse contato vive em um "estado de destruição parcial, e as imagens e poderes que são naturais à mulher não têm condições de pleno desenvolvimento" (ESTÉS, 1994, p.23). Segundo a autora, a mulher, por conta de uma subordinação à cultura, ao intelecto ou ao ego - dela própria ou de outros - perde seus instintos e ciclos naturais. Em outras palavras, é dizer que quando a mulher não supera certos obstáculos pessoais e sociais e não entra em contato com a sua sombra, ela perde também contato com uma faceta, sim, selvagem e desconhecida, mas que lhe é capaz de propiciar uma vida mais íntegra e criativa, e lhe tornar mais ciente de si e com mais recursos pessoais.

Aproximar-se da natureza instintiva não significa desestruturar-se, mudar tudo da esquerda para a direita, do preto para o branco (...) agir como louca ou descontrolada. Não significa perder as socializações básicas ou tornar-se menos humana. Significa exatamente o oposto. A natureza selvagem possui uma vasta integridade. Ela implica (...) ocupar nosso corpo com segurança e orgulho independentemente dos dons e das limitações desse corpo, falar e agir em defesa própria, estar consciente, alerta, recorrer aos poderes da intuição e do pressentimento inatos às mulheres (ESTÉS, 1994, p. 26).

Nota-se a relação direta entre contato da mulher com seus aspectos selvagens/instintivos e sua capacidade de inventar e criar. Há uma lenda europeia

que conta que Deus, entregando a Adão um bastão de vime, lhe disse para batê-lo no mar quando tivesse fome, que o alimento surgiria. Entretanto, recomendou que Eva não deveria usá-lo. Adão bateu três vezes nas águas e surgiu uma ovelha, ele ficou satisfeito pois teria leite e queijo. Mas Eva, ambiciosa, queria ainda mais e enquanto Adão dormia, ela pegou o bastão e bateu com força no mar. Dessa vez, saiu das águas o lobo, escuro, selvagem e cruel, que imediatamente atacou e devorou a ovelha. (RAMOS et al, 2005). Este conto nos permite entender melhor a consequência da repressão da criatividade feminina pelo patriarcado.

O lobo aparece tanto como representação da sombra quanto da luz; em seus aspectos positivos e provedores, quanto nos negativos e devoradores (RAMOS et al, 2005). O exemplo mais famoso da loba como nutridora e provedora é o dos irmãos Rômulo e Remo, fundadores de Roma. E a história *Chapeuzinho Vermelho* é o exemplo mais conhecido de lobo com os aspectos destrutivos e devoradores da Grande-Mãe.

Há também aspectos paternos relacionados ao lobo, geralmente um pai negativo e devorador. Entretanto, esse lado agressivo e devorador, pode levar à destruição do ego ou a promoção de um renascimento e surgimento de um ego mais fortalecido. Ou seja, a ingenuidade pode dar lugar a astúcia em defesa própria e o ego se torna capaz de usar um aspecto sombrio a serviço de seu crescimento. Essa mesma leitura pode ser feita de *Chapeuzinho Vermelho*, onde "o lobo aparece para tirar a menina da guarda materna; assim, a violência paterna que rompe a relação mãe-filha pode ser compreendida como a 'salvação' da filha, ao retirá-la do estado simbiótico inicial" (RAMOS et al, 2005, p. 152).

Em outras lendas esse animal está associado a uma voracidade sexual. Segundo Chevalier e Cheerbrant (2009), a definição de *lobo(a)* se inicia da seguinte maneira: "lobo é sinônimo de selvageria e a loba de libertinagem" (p. 555). Levando em conta que a *Chapeuzinho Vermelho* sofreu o ataque do lobo após desobedecer aos pais, é possível sob essa perspectiva, fazer outra análise: além de impedir um rompimento prematuro do vínculo primal, como dito acima, também tem o papel de regular o desenvolvimento da sexualidade infantil (RAMOS et al, 2005). Com essa colocação podemos ampliar ainda mais a discussão inicial, entendendo outras facetas da importância da mulher entrar em contato com o *lobo* como forma de sobrevivência e resistência à cultura.

No livro analisado, será visto a íntima e evidente relação entre a mulher entrar em contato com seus conteúdos sombrios e se fortalecer, conseguindo crescer individualmente e se tornar mais criativa, vivendo de maneira mais integrada com seus ciclos, mais conectada a sua intuição e menos passiva às imposições sociais.

5. Método

Pretende-se, neste trabalho, realizar uma leitura simbólica dos elementos sombrios das ilustrações do livro *Chapeuzinho Amarelo*, Chico Buarque e Ziraldo (1997). A escolha do livro analisado seguiu o seguinte processo: o primeiro passo foi definir a Livraria Cultura como fonte do material utilizado, pelo fato de essa ser uma rede grande de lojas da cidade de São Paulo e ter um significativo acervo de literatura infantil. Sendo assim, foi pedida a essa instituição o ranking dos 20 livros infantis mais vendidos no período de agosto a outubro de 2013. O método de seleção do livro utilizado seguiu os seguintes critérios de exclusão: *livros-brinquedo*, que são os livros de adesivos, de atividades manuais, sem uma narrativa; os internacionais; os que fizessem parte de uma coletânea; e os que não tivessem ilustração do elemento sombrio da história. Após esse crivo estava selecionado o livro *Chapeuzinho Amarelo* (1997).

Depois de selecionado o livro, analisou-se todas as representações gráficas do livro, buscando descobrir e explorar os elementos simbólicos que as compõem, articulando-os com a história escrita do livro e com literatura levantada. Como dito acima, pretendeu-se com a análise das figuras que representam aspectos da sombra alcançar uma visão mais ampla sobre esse tema.

Há duas edições do livro, uma de 1979 e outra de 1997, a primeira com ilustrações de Donatella Berllendis e a segunda de Ziraldo. Este trabalho se ateve apenas a segunda edição.

6. Análise do livro *Chapeuzinho Amarelo*

O livro conta a história de uma menina que tinha muito medo, de tanto medo ela não saía da cama, "Então vivia parada, deitada, mas sem dormir com medo de pesadelo". A história muda de tom quando a menina encontra com o seu maior medo, o medo do lobo, "Chapeuzinho tinha cada vez mais medo do medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO. Um lobo que não existia".

Nesse encontro ela vê que o temido animal não era tão assustador como o que ela imaginava, e nesse confronto o medo vai diminuindo "Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo"; até que ela perde o medo do lobo, "E ele gritou: sou um LOBO! Chapeuzinho deu risada. E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!! Chapeuzinho, já meio enjoada, com vontade de brincar de outra coisa".

A figura do lobo inverte de papel: era assustador e passa a ter medo. Isso acontece quando o animal se vê desempoderado pela Chapeuzinho que perdeu o medo dele. Interessante que essa inversão, essa mudança, é marcada quando o lobo repete seu nome 25 vezes até que ao invés de lo-bo ele se torna um bo-lo. Nessa transformação também fica evidente o valor e o poder que Chico Buarque atribui à palavra; deixando claro a importância de nomear/simbolizar o desconhecido, que enquanto não enfrentado permanece distante e com dimensões exageradas.

Depois deste momento, Chapeuzinho passa a brincar, correr, cair e levantar; o medo não a paralisa mais. Seus antigos medos se tornaram seus companheiros, como vemos na última página do livro: "Ah, outros companheiros da Chapeuzinho Amarelo: o Gãodra, a Jacoru, o Barão-Tu, o Pão Bichôpa e todos os trosmons".

Chapeuzinho Amarelo foi escrito na década de 70, é muito significativo que ainda esteja entre os mais vendidos. Toda criança - para não dizer todo mundo - passa por esse processo de enfrentamento dos próprios medos, das próprias sombras. Esse livro acompanha e ajuda as crianças a enfrentarem seus medos e seguirem se desenvolvendo.

A seguir analisarei as ilustrações do Ziraldo, relacionando-as ao texto e aos conceitos já apresentados anteriormente.

Chapeuzinho dominada pelo medo

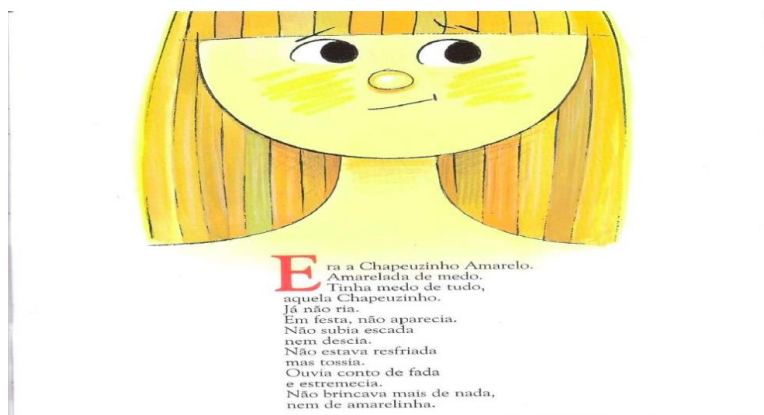


Imagem 1

A história começa com o rosto da Chapeuzinho, com uma expressão de medo, desconfiança e desconforto. Ela está toda amarela, amarela de medo. A vemos sozinha; a página da esquerda em branco, não há fundo, não há cor, não há nada além do medo.



Imagem 2

Nessa imagem vemos a Chapeuzinho deitada, não se levanta por conta dos medos que tem. Os medos são representados por diversas figuras sombrias - aranhas, cobras, bode com chifres longos, raio, escuridão - misturadas, difusas, nos remetendo a um mundo onírico, inconsciente.

Tudo está escuro, não há cor na figura da Chapeuzinho, ela está envolta por uma sombra e sua postura também é significativa: ela está de costas, recolhida,

espiando com os olhos arregalados mas sem se virar de frente para olhar todo esse universo que a aterroriza.

Relacionando a postura da Chapeuzinho ao conceito de sombra e à maneira que essa história se desenvolve, é possível acrescentar que ao não encarar a própria sombra, as coisas que se teme permanecem na escuridão, sem a luz da consciência, indefinidas e agigantadas, ou melhor: imensuráveis. Por exemplo, no texto o trecho "Minhoca, pra ela, era cobra" e na imagem há uma cobra ameaçadora muito maior que a menina em posição de ataque.

Vale ressaltar que deve-se tomar cuidado ao lidar com a sombra, seja para não se afastar demais seja para não se aproximar demais. Ao se aproximar demais, pode-se perder com tamanha força desconhecida e incontrolável. E no caso contrário, se o ego afasta demais dos aspectos sombrios, a intensidade dessa escuridão tende a aumentar. Justamente por não encará-las, elas podem se tornar cada vez mais inacessíveis e desumanas, e dessa maneira podem tomar conta do sujeito. É o caso da protagonista que, ao não encarar se virando de frente, a escuridão se torna maior que ela e a domina, a paralisa.

É possível dizer que a Chapeuzinho paralisa justamente por conta do medo do que pode, do que fantasia, encontrar na sombra; medo de ser invadida por essa sombra. "E nunca apanhava sol porque tinha medo da sombra. Não ia pra fora pra não se sujar. (...) Não ficava em pé com medo de cair. Então vivia parada, deitada, mas sem dormir com medo de pesadelo". Do que tanto tinha medo a Chapeuzinho? O fato de ela ter medo de pesadelo evidencia que o que ela temia estava no seu mundo interno. Além disso, "pra não se sujar", nos remete a conteúdos da sombra, ao fato da protagonista não querer entrar em contato com aspectos negativos.

Vale retomar o que disse Von Franz (2002), que os sonhos contribuem muito, constituindo muitas vezes o primeiro passo no processo de admissão da presença deste atributo negativo do ego.



Imagem 3

Outra vez a Chapeuzinho aparece sozinha, retraída e assustada em um fundo branco, sem um mundo rico e colorido a sua volta.

Nessa imagem é a primeira vez que a protagonista aparece com seu chapéu amarelo. Na primeira página do livro, o texto faz referência ao significado de medo da cor amarela. Esta relação feita pelo autor entre a cor e esse sentimento possivelmente é uma associação á gíria popular; “amarelou” é dizer, “ficou com medo”. Então, o chapéu é amarelo de medo. Já o chapéu pode simbolizar a cabeça e o pensamento, ou seja, um chapéu amarelo seria então *pensamentos de medo*. Podemos dizer que o chapéu exerce uma função dupla: ao mesmo tempo que protege a cabeça a aprisiona nesses pensamentos.

A cor amarela tem distintos significados. É considerada uma cor masculina, o substituto do negro e também a cor da renovação (CHEVALIER e CHEERBRANT, 2009) Apenas esses três significados já nos permitem realizar uma rica análise acerca da sombra da mulher e sua potência de criação e renovação. Pode-se, lembrando de como a história se desenrola e do que vimos a respeito da sombra, analisar que esses simbolismos também indicam que há uma grande potência de ressignificação do *pensamento de medo*; sendo o amarelo simultaneamente a cor da renovação e a cor que representa aspectos da sombra da Chapeuzinho - a cor do medo, do masculino e equivalente ao negro.

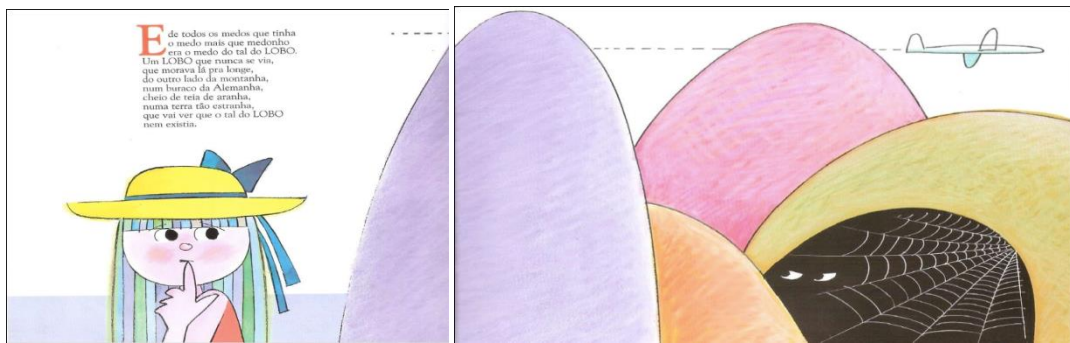


Imagem 4

Nesta imagem Chapeuzinho está pequena virada para esquerda olhando com o canto dos olhos para longe, para o desconhecido. O quadrante inferior esquerdo remete ao passado (VILLEMOR-AMARAL et al, 2011), ou seja, a menina está com uma postura insegura e presa em um passado, olhando com curiosidade e desconfiança na direção do futuro desconhecido, ela não investe e não confia em um futuro, sua criatividade está muito reduzida.

A relação com a sombra é vista de forma distante e pouco trabalhada, com a menina afastada e com medo do que pode ser encontrado lá.

A partir do seguinte trecho: "numa terra tão estranha, que vai ver que o tal do LOBO nem existia". Ela começa a encarar o lobo de outra maneira. E, mais adiante, fica evidente que esse contato segue se modificando e que quanto mais Chapeuzinho se aproxima e se apropria de sua sombra, mais ela vai perdendo o medo, ganhando força e sentindo-se capaz.

Reconhecimento da sombra

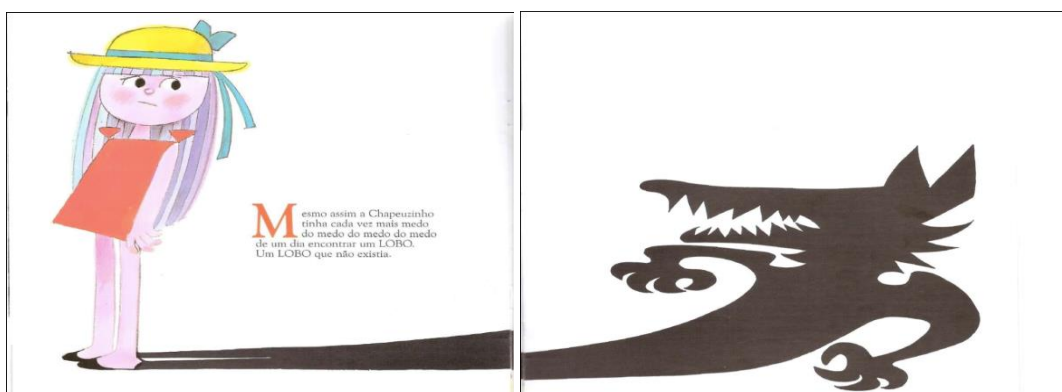


Imagem 5

Esta imagem, junto com a *Imagem 7*, são as mais emblemáticas do livro. Nesta o lobo aparece como a sombra, projetada por trás da Chapeuzinho. No texto: "Mesmo assim a Chapeuzinho tinha cada vez mais medo do medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO. Um LOBO que não existia."

Estés (1994) através do mito *O Barba-azul*, discute que as mulheres às vezes abrem uma porta em seus calabouços internos e que uma vez abertas, não há como ignorar o que foi visto. Com essa imagem a autora diz que há momentos na vida em que não há como não encarar e enfrentar algum aspecto sombrio pessoal, e é em um desses momentos que Chapeuzinho se encontra.

Chapeuzinho entra em contato com a sombra

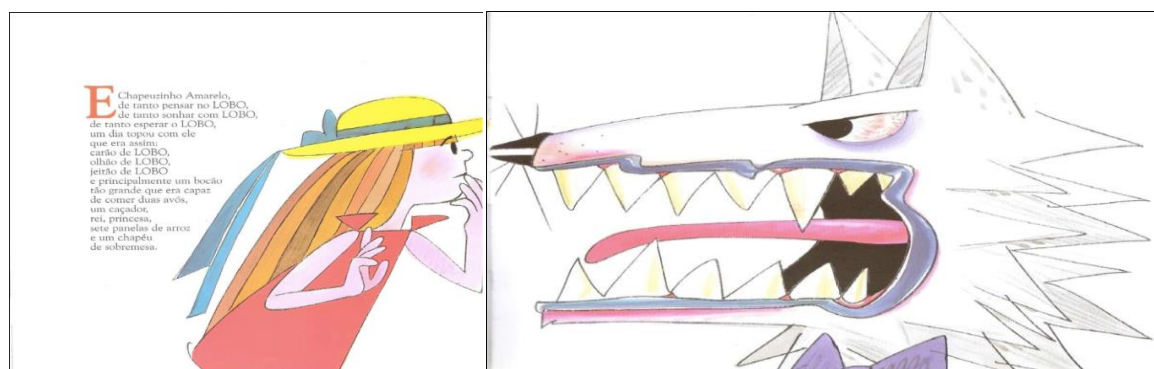


Imagem 6

Nesta imagem aparece o lobo pela primeira vez. Ele tem uma boca imensa e cheia de dentes. A chapeuzinho com cara de susto, mas não apavorada como nas figuras iniciais. Aqui Chapeuzinho tem curiosidade, sua postura está mais ativa, menos retraída. Parece reconhecer que algo na figura sombria do lobo, além de assustar, a interessa.

Sobre o lobo é possível fazer algumas relações com o que foi dito anteriormente sobre os simbolismos desse animal. O dente simboliza a agressividade, sua destrutividade selvagem não aceita na sociedade. E, além disso, sua boca imensa está relacionada ao seu caráter voraz, principal característica encontrada para descrevê-lo: sua feroz voracidade - aqui encontrada justamente na imagem da boca cheia de dentes. Por outro lado, esses aspectos do lobo também se relacionam com a sua característica de transformação- característica essa importante na história. Afinal de contas, comer é um processo destrutivo por um lado, mas transformador e construtivo por outro.

Há outras características do lobo, como as orelhas em pé, seus pelos pontudos, parte interna da boca preta e seus olhos vermelhos que contribuem para sua personificação como um lobo-mau, propriamente dito. Ao mesmo tempo, o lobo já se encontra vestindo uma gravata borboleta, indicando para qual rumo essa história seguirá.

O confronto



Imagem 7

É chegado o momento em que os dois se encontram. É interessante que esse encontro aconteça em um deserto, Estés (1994) faz a associação entre "um trabalho solitário" e "um trabalho realizado no deserto da psique" (p.45); o deserto sendo um cenário de grandes transformações individuais.

Os antigos chamavam o deserto de lugar de revelação divina. (...) O deserto é o lugar em que a vida se apresenta muito condensada. (...) A vida no deserto é pequena, porém brilhante, e quase tudo que acontece tem lugar no subsolo. (...) Ele [o deserto] é muito intenso e misterioso nas suas formas de vida (ESTÉS, 1994, p.55).

Só é possível ver as silhuetas, aproximando, de certa maneira, a imagem dos dois. Os dois são sombra, ela também. O tom alaranjado do céu da imagem remete ao por do Sol, pode-se ver esse momento do dia como símbolo da chegada da escuridão com a partida do sol; a escuridão por sua vez, como mundo desconhecido.

Chapeuzinho, ao se encontrar frente a frente com sua sombra, a ilumina com a luz da consciência e, por conta disso, vê o lobo, deixando dessa maneira de ter medo do medo do medo de um LOBO, agora é só lobo. Ela e o lobo.

Por último, há alguns detalhes no texto que merecem consideração. Nessa cena o *LOBO* passa a ser o *lobo*, sem maiúsculas, e a *Chapeuzinho Amarelo*,

amarela de medo, passa a ser referida como a *menina*. Essas mudanças no texto evidenciam a grande transformação que esse encontro provocou. O *LOBO* nunca antes visto, imaginado, perde seu caráter assustador e passa a ser apenas um *lobo*, um lobo com quem a menina se encontra. E a *Chapeuzinho Amarelo* que após esse momento não está mais identificada somente com seus medos, não são mais eles que a definem, agora ela é uma *menina* que tem muitas características para além dos medos.

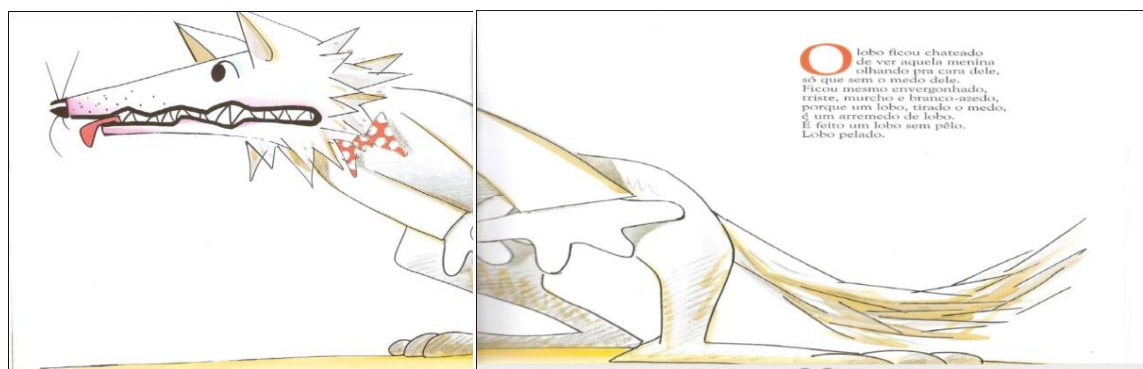


Imagem 8

Nesta imagem, o lobo, quando não mais temido, perde seu aspecto selvagem, seu poder destrutivo, sua potência. O gesto do lobo escondendo suas partes íntimas revela que ele se sente nu, descoberto, envergonhado. Começa nesse momento um processo no qual o lobo vai se humanizando, perdendo seus aspectos selvagens imagem à imagem. O texto confirma esse movimento, descreve que "um lobo, tirado o medo", é um "lobo pelado". Sendo vergonha um sentimento extremamente humano e intimamente relacionado a esse processo de descobrimento da sombra - aqui encontrada justamente na imagem do lobo despido.

E outras características que compõem a imagem do lobo, como os tons amarelos no chão e no corpo do animal, também nos fazem associar sua postura com o sentimento de medo, amarelo de medo. Como a boca fechada, a língua para fora, os olhos tensos e a gravata borboleta vermelha com bolinhas brancas, que remete a um universo cômico, muito distante do assustador e selvagem lobo das imagens anteriores.

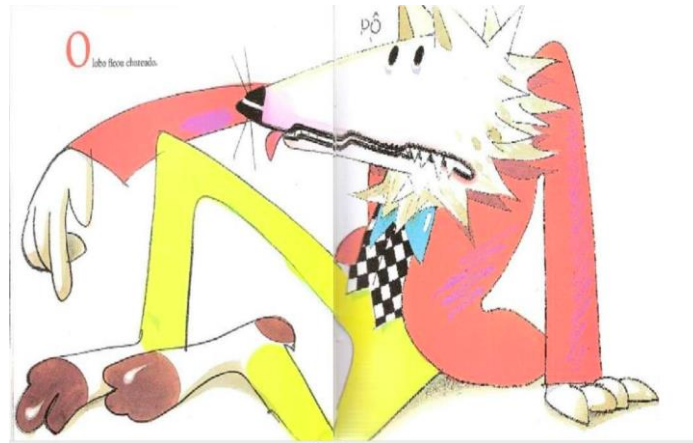


Imagem 9

Dando sucessão ao processo descrito na imagem anterior, aqui o lobo perdeu ainda mais seu caráter ameaçador e selvagem. Ele aparece sem garras e dentes, vestido com roupas humanas, bem coloridas, cômicas e nada sombrias. Além disso, a postura dele não é agressiva e sim de decepção e impotência. O texto soma a essa análise, "O lobo ficou chateado."; outra vez o autor associa o lobo a um sentimento exclusivamente humano, contribuindo ainda mais para essa desconstrução do personagem enquanto sombrio e temível.



Imagem 10

O lobo tenta então com todas as suas forças retomar seu poder, reconquistar o medo da menina. Para isso, volta a ter sua aparência assustadora: boca bem aberta cheia de dentes, olhos vermelhos com olheiras e pelos e orelhas bem

pontiagudos. Mas agora chapeuzinho aparece rindo de costas, ele já não a assusta. Está explícito o empenho do lobo em ser amedrontador e o descaso da menina.

No texto o lobo grita e berra tentando provocar outra vez medo na menina, mas ela apenas ri, se cansa daquilo e tem "vontade de brincar de outra coisa". Esse trecho evidencia a mudança no comportamento da Chapeuzinho após confronto com o lobo, indica que, agora que ela já não tem mais o medo paralisante do lobo, tem vontade de ir para o mundo, brincar, criar.

Assimilação

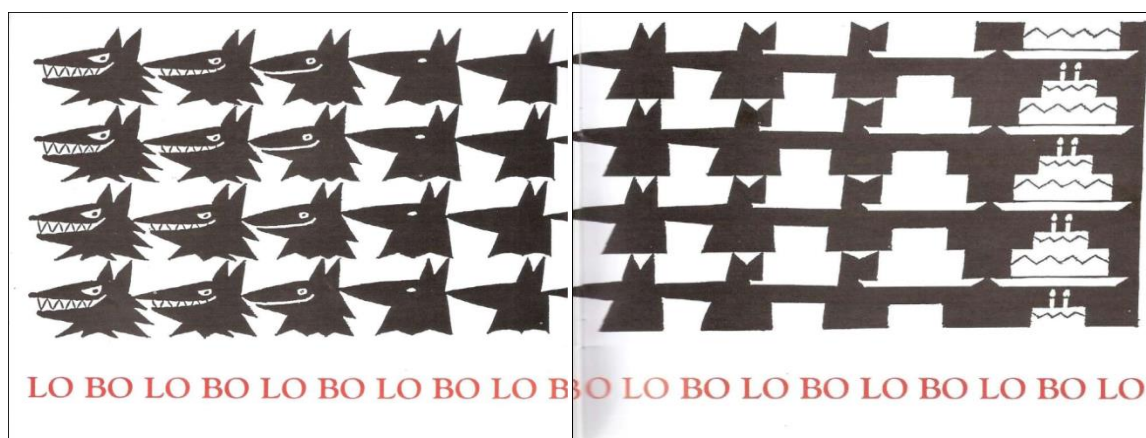


Imagem 11

Nessa figura, pode-se ver o lo-bo se transformando em bo-lo, ou seja, ele sendo assimilado pela menina. Isso apenas foi possível após o confronto, a desconstrução e a aproximação da sombra - não nessa ordem necessariamente. Importante ressaltar o jogo com a figura e o fundo feitas pelo Ziraldo: o lobo no início está em preto e, ao final do processo, a figura do bolo em branco.

Essa mudança, figura-fundo e antes figura em preto depois em branco, sugere algumas hipóteses. Pode-se dizer que a inversão de como a sombra é vista é justamente o que promove a integração. Essa inversão seria olhar o branco, o que há de positivo, de luz, de potência na sombra e não se focar somente no preto. Note que, entretanto, o preto não some, é apenas o ponto de vista e a modificação que permite ver o bolo no lobo.

O lobo cruel, amedrontador e ameaçador ao desenvolvimento da menina passa a ser um bolo, passa a alimentar. E não é qualquer alimento, o bolo aqui é entendido como símbolo de amadurecimento; comum nas comemorações de aniversários, que são ritos de passagem. Sendo que a comida depois de digerida, desconstruída e absorvida alimenta e possibilita o crescimento; passando a fazer parte do sujeito a medida em que se apropria dela.

Além disso, a comida está intimamente relacionada a aspectos da figura materna. É possível relacionar o simbolismo do lobo que envolve uma mãe extremamente provedora ou devoradora e que, de ambas as maneiras, impede o desenvolvimento do filho. Desse modo, o entendimento acerca dos símbolos que estão no fato de que o confronto com o lobo resultou nele sendo transformado em um bolo de aniversário é ampliado.

A interdição materna também está associada ao simbolismo sexual que o lobo carrega, ou seja, Chapeuzinho ao enfrentar a figura do lobo não está apenas integrando seus medos, mas também se diferenciando de sua mãe e abrindo espaço para seguir mais fortalecida em um mundo simultaneamente frustrante e provedor; podendo dessa maneira seguir também um caminho mais próprio e autônomo.



Imagem 12

Nessa imagem há o lobo-bolo com nariz de palhaço, assustado com duas velas sobre ele, no meio de um cenário de aniversário, relevância explicada na imagem anterior. É possível observar o lobo transformado, sem sinais do lobo assustador que foi, "(...) já não era mais um LO-BO. Era um BO-LO. Um bolo de lobo

fofo, tremendo que nem pudim, com medo da Chapeuzin. Com medo de ser comido, com vela e tudo, inteirim". O texto remete outra vez ao caráter devorador que o lobo evoca, o medo do lobo também é o de ser devorado. Além disso, o fato de sobre o bolo terem duas velas, segundo Chevalier e Cheerbrant (2009), a duplicidade pode significar uma dupla polaridade simbólica, benéfica e maléfica, que, se tratando da sombra e desse aspecto específico que é o lobo, poderíamos ver como sua qualidade criadora e destrutiva.



Imagem 13

É importante analisar o fato de que ela não come o bolo, no texto: "Chapeuzinho não comeu aquele bolo de lobo, porque sempre preferiu o de chocolate". É possível fazer diversas interpretações para o fato da menina não comer o bolo, pode-se dizer que ela assimila a figura do lobo, mas ela não some: é possível assimilar aspectos da sombra, mas não os fazer desaparecer.

Uma das hipóteses é de que; ela transforma esse aspecto da sombra, o assimila e se diferencia; caso devorasse o lobo estaria se misturando a ele e, de certa maneira, se devorando. Estaria, pode-se dizer, retomando aspectos infantis ao invés de superá-los. Chapeuzinho não se torna voraz, encontra a sombra e resiste a força instintiva não sendo devorada nem se tornando devoradora.

Observa-se a protagonista brincando, cabelos leves, soltos e coloridos, e é a primeira vez que aparecem outras pessoas no livro, evidenciando a importância de se lidar com aspectos sombrios para o processo de individuação e crescimento. E dessa maneira, tornar-se sujeito capaz de se relacionar com o mundo e com os outros de maneira mais rica e engrandecedora.

Chapeuzinho agora não tem mais tanto medo do mundo, podemos dizer que retirou a sombra do mundo depois de reconhecer a sombra em si mesma, ou seja, recolheu suas projeções. Perdeu o medo do desconhecido pois passou a reconhecer a sombra. "Não tem mais medo de chuva nem foge de carrapato. Cai, levanta, se machuca, vai à praia, entra no mato, trepa em árvore, rouba fruta (...)". Percebemos que houve uma forte transformação, agora ela é uma menina segura de suas capacidades, que lida com um mundo mais real e menos assustador; sabendo seus limites e suas potências.



Imagem 14

Chapeuzinho aparece de braços abertos e cabelos esvoaçantes, muito diferente da menina retraída do início da história. Ao lado dela, diversas figuras sombrias, mas agora chapeuzinho não tem mais medos iguais ao que tinha. Cresceu e, para isso, deixou para trás os antigos medos, agora ela tem condição de confrontá-los e de brincar mesmo na presença deles.

É possível a partir dessa imagem, fazer a análise de que do processo que acompanhamos de assimilação do lobo, como um aspecto da sombra, fortaleceu Chapeuzinho para que ela pudesse confrontar também outros aspectos da sombra; pois agora ela reconhece a sombra, tem contato com ela e o que pode haver lá não mais a amedronta como antes.

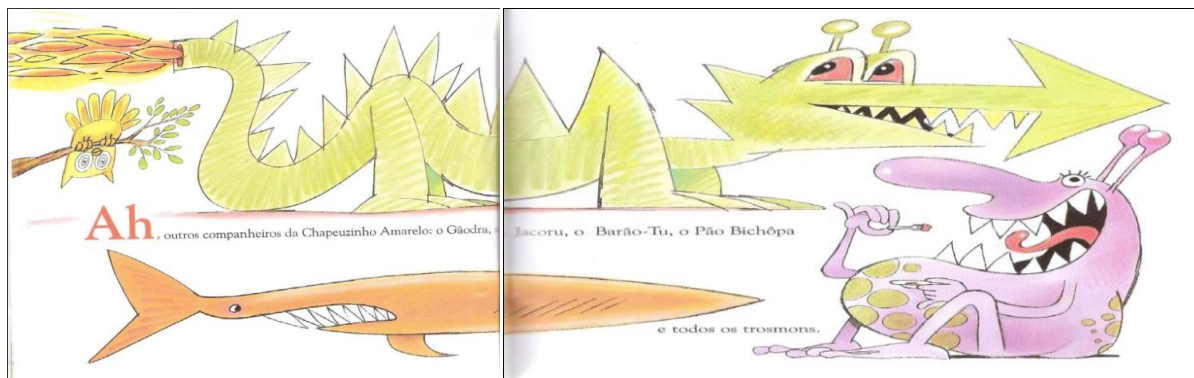


Imagem 15

A imagem final confirma o que foi dito na anterior; os antigos medos são chamados de *companheiros* pelo autor e na imagem eles aparecem inofensivos e sorridentes. Ou seja, Chapeuzinho Amarelo está apta a enfrentar seus medos e seguir seu desenvolvimento pessoal.

Para concluir, é importante destacar algumas das análises mais relevantes, tendo como foco a relação entre a Chapeuzinho e o lobo. O animal ao longo das páginas vai sendo humanizado, ficando cada vez mais vestido, mais civilizado, chega a aparecer em uma das imagens de terno e gravata borboleta, muito coloridos se assemelhando a um palhaço. É possível analisar esse fato como ele perdendo sua instintividade, impulsividade, seu caráter desconhecido, selvagem e ameaçador; ou seja, se aproximando da protagonista e sendo assimilado por ela.

Após esse contato com o lobo, a menina sai mais fortalecida, o mundo já não é tão ameaçador uma vez que ela se aproximou e entrou em contato com a própria sombra. Agora ela pode brincar e criar no mundo. A força desse aspecto da sombra foi integrada e transformou-se em força criativa - ela não projeta toda a sombra no mundo, reconhece que há sombra nela. Como foi visto, esse processo descrito no livro de maneira acessível e sensível é fundamental para o desenvolvimento de todo e qualquer sujeito rumo a expansão da consciência, a individuação - a eterna busca de se tornar cada vez mais si mesmo.

A criança ao se desenvolver passa por uma diferenciação entre seu ego e sua persona, ela deverá reconhecer sua sombra e se desidentificar com a persona, perceber que possui outras características além das expostas e ideais. É importante esta desidentificação por ser esse –junto com a aceitação da sombra- o único

caminho no processo de individuação, por uma maior integração entre as duas instâncias psíquicas.

A relação entre a sombra e características desvinculadas da natureza humana ajuda a interpretar o fato do lobo se humanizar ao longo da história. Quanto mais o ego se recusa a entrar em contato com a sombra, mais ela se afasta e mais difícil fica o contato com seus aspectos. O que vemos na história da Chapeuzinho é que a medida que relação com a sombra vai se tornando mais próxima o lobo vai vestindo-se e humanizando-se. A importância de entender - e viver - esse processo é que se a relação com a sombra apenas tende a ficar mais distante, com o tempo, o ego vai perdendo a capacidade de integrar a sombra, que tende a tornar-se cada vez mais autônoma.

Além disso, vale ressaltar que é preciso cuidado ao aproximar-se da sombra, para que ela não domine. No livro há essa relação explicitada, além da imagem 2 já mencionada (Chapeuzinho deitada de costas), também na imagem 13 quando a menina não devora o bolo de lobo. Ou seja, deve-se tomar conhecimento de conteúdos da sombra, nesse caso devoradora e voraz, mas sem se misturar a ele e sem permitir que ele se expresse aleatoriamente, dominando.

Pelo desenvolvimento da história do livro, o lobo, para a psique, tem um aspecto benéfico. Ele simboliza também a possibilidade da contenção necessária dos impulsos, que conduz ao desenvolvimento e à integração de novos recursos internos, o que permite um funcionamento mais pleno e criativo da menina - tanto que ao final ela é retratada correndo e brincando na rua.

Baseando-se na literatura, é possível relacionar a transformação vivida pela Chapeuzinho e os rituais de iniciação que tem o lobo como símbolo de morte e renascimento. Esses rituais significam justamente a passagem da infância, da inocência, para uma etapa mais adulta e diferenciada. Ou seja, podemos entender que entrar em contato com o lobo significa a entrada no inconsciente, o contato com a sombra. Esse contato gera a transformação da protagonista depois que os aspectos do lobo são assimilados pelo seu ego.

Geralmente, os aspectos que são mal vistos pela sociedade são justamente os reprimidos, por isso é comum associar a sombra com o mal destrutivo e danoso. Porém, isso pode ser um grande equívoco, pois quando integramos a sombra, ela é fonte de muita energia criativa e os efeitos maléficos de sua projeção são atenuados.

Quando a relação da menina com sua sombra estava distante, havia a tendência a projetar todo o mal no outro, no mundo. Ao reconhecer o que era seu, o mundo passou a ser menos ameaçador e ela estabeleceu uma relação ativa, produtiva e de mais confiança com o mundo externo. O desfecho do livro analisado se relaciona intimamente com essa colocação; a menina, depois de integrar o aspecto sombrio, brinca e corre no mundo, como não fazia antes por medo. Chapeuzinho, ou a *menina*, ter enfrentado o lobo e saído vitoriosa foi um ato de diferenciação e extrema saúde.

Por fim, vale retomar a teoria para justificar porque é válida essa discussão ampla da sociedade baseada na análise de apenas um livro. Como a sombra inevitavelmente surge no processo de formação da consciência, já que é resultado da divisão da natureza do ego, podemos dizer que ela é arquetípica. Segundo Sanford (1988), devido ao fato da sombra ser um arquétipo, ela tem sido representada através de mitos, contos de fada e na grande literatura. Por esse motivo que a análise de um só livro é relevante como material para pensar a sociedade; a arte é arquetípica.

7. Considerações finais

O objetivo do trabalho era investigar como a sombra é representada e tratada hoje em dia. Aprofundar esse conceito, para entender o que em nossa sociedade é indesejado e como lidamos com isso. Buscava-se não apenas a compreensão mas também uma aproximação -coletiva e pessoal- da sombra.

É importante mencionar que da lista dos 20 livros mais vendidos apenas um era nacional e tinha imagens sombrias; isso já dá indícios de como a sombra é consumida hoje em dia. Além do fato de que o livro *Chapeuzinho Amarelo* é do final dos anos 70; como será que é a produção nacional atual de livros que tratem da sombra de alguma maneira? De todo modo, ficam as perguntas sobre o que esse fato nos diz: os livros que tratam da sombra são menos produzidos? Os pais que compram os livros, porque a eles interessa mais os *livros-brinquedos*? Em uma conversa informal, 2013, o editor da editora portuguesa *Planeta Tangerina* contou que uma vez produziram um livro mais sombrio e que muitos pais reclamaram que faltava o arrependimento do vilão no final da história. Esse acontecimento, mesmo se tratando de uma editora portuguesa, mostra que talvez haja um super-protecionismo dos pais, atrelado a uma dificuldade em frustrar seus filhos com uma história em que o final não é feliz; é dizer: uma história que não termina com a vitória do protagonista sobre o vilão.

Outra questão que pode-se observar no início da pesquisa enquanto buscava-se livros infantis que tivessem imagens de vilões ou elementos sombrios representados em uma figura, foi que a maioria dos livros encontrados ou não tinham um aspecto sombrio claro na história ou então esses elementos estavam na própria criança; como é o caso, pode-se dizer depois de analisar, do livro analisado *Chapeuzinho Amarelo* (1997).

Essas observações levam à pergunta: porque o livro *Chapeuzinho Amarelo* está entre os mais vendidos? Levando em conta as discussões realizadas, pode-se dizer que é possível que o livro faça tanto sucesso por trazer de maneira simples, delicada e colorida a passagem de crescimento comum a todos: encarar os medos infantis para continuar crescendo; entrar em contato com a sombra para se tornar

cada vez mais si mesmo. Ou seja, o livro está entre os mais vendidos provavelmente por apresentar para a criança a possibilidade de integração de aspectos da sombra.

Faz-se necessário futuras pesquisas para compreender melhor como são consumidos os aspectos sombrios na sociedade contemporânea. A partir da leitura do artigo de Brum, *Meu filho, você não merece nada*, (2011), e dos resultados da pesquisa, pôde-se elaborar algumas novas hipóteses: será que hoje esta mais difícil para as crianças entrarem em contato com seus aspectos sombrios, seja por conta da maneira como negamos e tememos qualquer tipo de ação que fuja das normas, que ameace a ordem e a felicidade idealizada; seja pela dificuldade dos pais em frustrar seus filhos? Tratando-se de um livro que ajuda a criança a perder o medo, pode-se fazer a análise que os pais ao comprarem esse livro têm o intuito de fazer o filho se livrar eficientemente do medo, aplacando qualquer sofrimento? Com base nessa pesquisa não é possível responder a esses questionamentos, mas essas perguntas indicam caminhos profícuos para aprofundamentos possíveis.

É possível supor que livros que tenham uma figura com aspectos sombrios não são os produtos mais valorizados pelos pais, que preferem em sua maioria livros que entretenham seus filhos eficientemente. Entretanto, importante atentar ao fato de que em meio a tantos *livros-briquedos* e afins, estava esse, justamente esse, que tanto se mostrou importante no processo de desenvolvimento infantil, de diferenciação e de integração de aspectos da sombra.

Algumas questões finais acerca da relação que há com sombra coletiva: será que a sombra coletiva hoje em dia está mais distante e, por isso, menos humana? O ódio e a violência que se vê todos os dias no Brasil e no mundo pode ser reflexo disso? Será que pela falta de contato com a sombra a sociedade a deixe, coletivamente, crescer e a projete excessivamente no mundo e nos outros? E com isso, ainda por cima, aumenta-se o medo e diminuí-se a potência criativa?

O que é indesejado por nós na nossa sociedade afinal? E como lidamos com isso? Como resposta, não é possível concluir mais do que: o que seja incivilizado. Não se suporta a diversidade, entendida como ameaça a essa civilidade, e a maneira de lidar é exterminando-a, excluindo-a. É verdade que há inúmeros grupos que lutam pelas mais distintas diversidades e inclusões, mas não há dúvida alguma que eles surgiram em resposta à opressão, à segregação e à violência que sofriam.

Retoma-se por fim o objetivo dessa pesquisa: analisar as imagens para compreender mais acerca da sombra. Pode-se dizer que essa pesquisa elaborou

novos elementos que enriqueceram a discussão e a percepção sobre a maneira como é representada a sombra nos dias atuais.

ANEXO I

Lista dos 20 livros mais vendidos na Livraria Cultura de agosto-outubro/2013:

INFANTOJUVENIL LITERATURA INFANTIL		
Livro	Editora	Cód. Barras
PEQUENO PRINCIPE, O	AGIR	9788522005239
DIARIO DE UM BANANA - FAÇA VOCE MESMO	VERGARA & RIBA	9788576833925
365 HISTORIAS PARA DORMIR, V.1	DCL	9788536810027
QUE TEM DENTRO DA SUA FRALDA?, O	BRINQUE BOOK	9788574122854
MARCELO, MARMELO, MARTELO	SALAMANDRA	9788516071493
ATE AS PRINCESAS SOLTAM PUM	BRINQUE BOOK	9788574122397
TURMA DA MONICA EM LENDAS BRASILEIRAS	GIRASSOL	9788574888958
RISQUE, RABISQUE, DESENHE E PINTE PARA MENINAS	USBORNE	9781409559122
MONSTER HIGH - MONSTRAMIGAS SO QUEREM SE DIVERTIR	SALAMANDRA	9788516085230
CHAPEUZINHO AMARELO	JOSE OLYMPIO	9788503006156
GRUFALO, O	BRINQUE BOOK	9788574120287
CASA SONOLENTA, A	ATICA	9788508032761
PRIMEIRAS PALAVRAS	SEXTANTE INFANTIL	9788575424490
ARVORE GENEROSA, A	COSAC NAIFY	9788575034750
PRINCESAS - PRENDA E APRENDA	MELHORAMENTOS	9788506068885
1000 ADESIVOS PARA MENINAS	USBORNE	9781409560159
INCRIVEL CAIXA DOS ANIMAIS, A	PUBLIFOLHA EDITORA	9788564517875
TURMA DA MONICA EM CONTOS DE ANDERSEN, GRIMM	GIRASSOL	9788574887135
TOY STORY 3 - DISNEY CORES	DCL	9788536815763
PERIGOSA VIDA DOS PASSARINHOS PEQUENOS, A	ROCCO	9788562500541

ANEXO II

Biografia dos autores do livro *Chapeuzinho Amarelo* (1997):

Ziraldo

Ziraldo Alves Pinto nasceu no dia 24 de outubro de 1932, em Caratinga, Minas Gerais. Começou sua carreira nos anos 50 em jornais e revistas de expressão, como *Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro*, *Folha de Minas*, etc. Além de pintor, é cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor.

A fama começou a vir nos anos 60, com o lançamento da primeira revista em quadrinhos brasileira feita por um só autor: *A Turma do Pererê*. Durante a Ditadura Militar (1964-1984) fundou com outros humoristas *O Pasquim* - um jornal não-conformista que fez escola, e até hoje nos deixa saudades. Seus quadrinhos para adultos, especialmente *The Supermãe e Mineirinho - o Comequiato*, também contam com uma legião de admiradores.

Em 1969 Ziraldo publicou o seu primeiro livro infantil, *FLICTS*, que conquistou fãs em todo o mundo. A partir de 1979 concentrou-se na produção de livros para crianças, e em 1980 lançou *O Menino Maluquinho*, um dos maiores fenômenos editoriais no Brasil de todos os tempos. O livro já foi adaptado com grande sucesso para teatro, quadrinhos, ópera infantil, videogame, Internet e cinema.

Os trabalhos de Ziraldo já foram traduzidos para diversos idiomas, como inglês, espanhol, alemão, francês, italiano e basco, e representam o talento e o humor brasileiros no mundo. Ziraldo ilustrou o primeiro livro infantil brasileiro com versão integral on-line, em uma iniciativa pioneira.

(*trecho editado da biografia do site oficial do artista:
<http://www.educacional.com.br/ziraldo/biografia/bio.asp>.)

Chico Buarque

Chico Buarque sempre foi, desde os anos 60, uma grande referência na cultura brasileira, cantor, compositor, escritor e dramaturgo; sempre se destacou no cenário cultural brasileiro.

Autor de composições magistrais como: Construção, Deus Ihe Pague, Cotidiano, Cálice, Vai Passar, Roda Viva, entre tantas outras, Chico Buarque teve suas obras adaptadas para o cinema e o teatro. Como escritor, é autor das peças de teatro: Roda Viva (1967/8); Calabar -co-escrita com Ruy Guerra (1973); Gota d'água (1975); Ópera do Malandro (1978).

Chico foi muito premiado em sua carreira, é autor dos seguintes títulos: A Banda (1966); Fazenda Modelo, novela pecuária (1974); Chapeuzinho Amarelo (1979, relançado em 1997); A Bordo do Rui Barbosa (escrito nos anos 60 e publicado somente em 1981); Estorvo (1991, primeiro romance); Benjamim (1995); Budapeste (2003); Leite Derramado (2009).

Referências

ARAGÃO, Regina Barroso de; Tese de Conclusão de Curso: Um estudo sobre a sombra e sua presença nos contos de fada: Orientador: Durval Luis de Faria: PUC, Psicologia, São Paulo, 1994.

ALMEIDA, Fabiane de Amorim; VIANNA CANETE, Márcia Cecília; BOMTEMPO, Edda; *O papel da Bruxa no Imaginário Infantil*, São Paulo, 2005.

Disponível em: <http://www.abrinquedoteca.com.br/pdf/38ain.pdf>

ARROYO, Leonardo; *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo; Melhoramentos, 1988.

CADEMARTORI, Ligia; *O professor e a literatura para pequenos, médios e grandes*. São Paulo e Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009)

BUARQUE, Chico; ZIRALDO; *Chapeuzinho Amarelo*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ARANTES, Rita de Cássia Batista; *O processo ilustrador do livro infantil à luz do diálogo palavra e imagem em obras de Eva Furnari: concepções e práticas possíveis*; Mestrado, Programa de Pós-graduação da CAPES, PUC/SP/Literatura e crítica literária; São Paulo, 2009.

Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=170840

BRUM, Eliane; *Meu filho, você não merece nada*, São Paulo: Revista Época, 2001.

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247981-15230,00.html>

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain; *Dicionário de Símbolos*; 24ª edição; Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2009.

DISNEY, Walt. *A bela e a fera*. Tradução de Celso Mauro Paciornik . 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

ECO, Umberto; *A história da Feiúra*; Editora Record, 2007

ECO, Umberto; entrevista realizada por SILVESTRE, Edney; acerca do livro

intitulado História da Feiura; em Frankfurt; 2009

ESTÉS, Clarissa Pinkola; Mulheres que correm com os Lobos, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

FRANÇA, Mary Eliardo; *O Patinho Feio*. São Paulo: Ática, 1993

JUNG, Carl Gustav; O Eu e o Inconsciente, Obras Completas , vol. VII -2 .

Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

_____ ; Fundamentos da psicologia analítica; Petrópolis: Editora Vozes, 1989

_____ ; O espírito na arte e na ciência, 6º edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2001

_____ ; et al; Ao Encontro da Sombra; 9ª reimpressão; São Paulo, Editora Cultrix, 2012

_____ ; Tipos Psicológicos, 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1974.

_____.; Aion- Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo IX/2, 2ª edição, Petrópolis, Vozes, 1988.

MATEUS. In: A BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Paulinas, 2002

MOKARZEL, Marisa; Ilustração: um estudo introdutório. Disponível em:

<http://.Docedeletra.net/foradoar/978moka.html> (2009)

ROLIM, Mariana A. G.; Resenha - ECO, Umberto; História da feiúra, Trad. AGUIAR, Eliana; Rio de Janeiro, Record, 2007; Universidade Estadual de Londrina / Capes.

RAMOS, Denise; et al; Os Animais e a Psique volume 1, 2ª edição, São Paulo, Summus, 2005.

SANFORD, John A.; Mal, o lado sombrio da realidade; Coleção Amor e Psique; 2ª edição; Petrópolis, Edições Paulinas, 1988

SANTO AGOSTINHO; Diálogo Sobre a Ordem; Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000

SHAKESPEARE, William; Macbeth, trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

SILVEIRA, Nise; Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

STEIN, Murray; Jung: O Mapa da Alma : Uma introdução; 5º edição, São Paulo, Editora Cultrix ,2006

VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de; GUEVARA WERLANG, Blanca Susana; et al; Atualização em métodos projetivos para avaliação psicológica. 1º Edição. São Paulo; Casa do Psicólogo, 2011.

VON FRANZ, Marie- Louise; A sombra e o mal nos contos de fada; Coleção Amor e Psique; 3º edição, São Paulo: Editora Paulus, 2002

_____; A interpretação dos contos de fada; Editora Paulus, 1990

_____; A individuação nos contos de fada, São Paulo: Paulus, 1984

WHITMONT, Edward C; A busca do símbolo; São Paulo: Editora Cultrix, 1990

ZAMBON, Sueli Aparecida; Reflexões sobre a construção estereotipada de heróis e heroínas das histórias infantis; São Carlos, 2009

Disponível em:

http://www.gestaouniversitaria.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23402:reflexoes-sobre-a-construcao-estereotipada-de-herois-e-heroínas-das-historias-infantis&catid=226:237&Itemid=21